

39 MS

CX36

MERCÚRIO

*Revista cômico-fantástica de 1886 em
prólogo, três atos e doze quadros*

*Representada pela primeira vez no Rio de
Janeiro, no Teatro Lucinda, em
16 de março de 1887*

PERSONAGENS

ATORES

FONSECA }
 MERCÚRIO } Senhor CORREA

RAPOSO }
 BACO }
 UM BOTICÁRIO RICO }
 UM VIAJANTE }
 DOUTOR ENTRELINHAS }
 O AREIAS } Senhor PEIXOTO

JÚPITER }
 DOUTOR JOSE TELHA }
 UM CAPADÓCIO } Senhor BAHIA

PLUTÃO }
 ROBERTINO }
 UM CAVALHEIRO }
 UM MATUTO DO PIAUÍ }
 O REPÓRTER ATTACHÉ } Senhor COLÁS

APOLO }
 UM CANDIDATO }
 DOM BASÍLIO }
 UM SUJEITO }
 UM POETA } Senhor SANTOS SILVA

AUTOMEDONTE }
 O PERNINHA }
 UM SUBDELEGADO }
 DOUTOR VÁRIAS }
 O ATOR VAGÃO } Senhor GERMANO

MARTE Senhor EUGÊNIO

UM REPOSEIRO }
 O NUNES }
 OLHO-VIVO }
 OUTRO POETA } Senhor ALFREDO PEIXOTO

VULCANO }
 FURÃO }
 OUTRO POETA }
 O ATOR GARNIER } Senhor JOSÉ MARIA

UM CRIADO }
 O BARBADINHO }
 DOM BASÍLIO }
 OUTRO POETA } Senhor LOURO

MANDUCA }
 OUTRO POETA } Senhor FELIPE

NETUNO }
 UM PORTEIRO }
 OUTRO POETA } Senhor MESQUITA

UM EMBUÇADO }
 FRANK BROWN } Senhor LANGLOIS

FRIVOLINA }
 CUPIDO } Dona CINIRA POLÔNIO

ZEFA }
 A CIDADE DO RIO DE JANEIRO } Dona FANNY

SARAH BERNHARDT }
 MINERVA }
 A MUNICIPALIDADE }
 A COMPANHIA DE DONA MARIA II } Dona FELICIDADE

A COMPANHIA DO GÁS }
 MADAME BONIFACE } Madame BLANCHE

TÊMIS }
 MARICOTA }
 A SEMANA } Dona JÚLIA DE CASTRO

A CARABINA CHU-CHU }
 A VIDA MODERNA } Dona CANDELÁRIA

CERES }
 A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL } Dona CARLOTA

UMA TURCA Dona ANA

DOIS DONS BASÍLIOS	} [Personagens mudos] N. N.
MATA-LOGO	
O CORPO DE BOMBEIROS	
A EMPRESA GARI	
AS COMPANHIAS DE BONDES	
A TELEFÔNICA	
AS FOLHAS DIÁRIAS	
A MARTIR	
DOIS PRÍNCIPES ZILÁS	
A DONZELA TEODORA	
O HERÓI A FORÇA	
O DUQUE DE VIZEU	

Corte de Júpiter, Deuses e semideuses, povo, soldados, marinheiros, capoeiras, passeantes, banhistas, jogadores, atores, atrizes, peças de teatro, etc.

Cenários dos Senhores Coliva, Carrancini e Frederico de Barros.

Música de diversos compositores, compilada, instrumentada e ensaiada pelo Senhor Adolfo Lindner, regente da orquestra.

Encenação do Senhor Adolfo A. de Faria.

AO ATOR COLÁS

A.A.

M.S.

“... aplaudo o Colás a fazer de Xumbi-Caiena e de Paula Ney. Mas, o que me faz deitar entusiasmo, o que pôs em revolução os meus macaquinhos, o que me deu um dos maiores prazeres que tenho tido em teatro foi o matuto do Piauí, pelo referido Colás.

Arredio como ando de teatros, quase só conhecia este Colás de o ver fazer uns galãs piegas em comédias mais piegas ainda; de modo que foi uma verdadeira surpresa para mim vê-lo fazer com a máxima verdade aquele tipo, fazer de um papel de meia dúzia de palavras um trabalho, como não se pode fazer melhor em teatro. Tudo exato: caracterização, gesto, pronúncia; o personagem vive, e o espectador tem a mais completa ilusão que pode ter assistindo a um espetáculo.

Colás a fazer o matuto do Piauí é tão completo, tão perfeito, como Salvini a fazer o *Otelo*, como o Rossi a fazer o *Nero*, de Pietro Cossa; é certo que para estes dois casos é preciso ter mais talento, e mais conhecimentos literários e artísticos; mas o resultado a que chega o artista é sempre um só: reproduzir fielmente o personagem.

Vale a pena ir ver o *Mercúrio*; mas não fosse essa revista bem escrita, como é, valeria a pena ir ao Lucinda só para ver e ouvir o matuto do Piauí.

JOSÉ TELHA.”

(Extraído da seção “Macaquinhos no Sótão”, da *Gazeta de Notícias*, n.º 109, de 19 de abril de 1887.)

PRÓLOGO

Recitado pelo ator Xisto Bahia

Belas senhoras, ínclitos senhores,
Desta revista os tímidos autores
Mandam-me em verso tosco
Aqui tratar convosco.
Disseram-me: "Bahia! olá! veste a casaca!
Sê de nosso elefante o intrépido cornaca!
Como no teatro antigo,
Dize ao público amigo
Que não veja no insípido *Mercúrio*
Triste panfleto, de honradez espúrio;
Que nos condene a falta de talento,
A lúgubre aridez do nosso pensamento;
Tudo quanto lhe falta e o que lhe sobra;
Mas não veja nesta obra
O desejo infeliz de vomitar injúrias,
Dos corações desafogando as fúrias.
Não fôramos leais, não fôramos corretos,
Se viéssemos ferir serenos desafetos.
A pretensão destas risonhas cenas
É fazer rir apenas.
Não se ofende a ninguém na pobre farsa,
Nem na pilhéria o insulto se disfarça.
Cidadão notável,
Egrégio respeitável,
Tomamos pelo braço e em cena vamos pô-lo,
Justamente porque não se trata de um tolo.
Pois os tolos tais honras não merecem,
Nem outros tolos há que deles se interessem,
Aos homens de talento as chufas não atingem,
Mas somente aos que fingem
Virtudes que não têm, dotes que não conhecem.

Uma revista-de-ano
 Não te pode lesar, gênero humano!
 Nada te rouba, nada te acrescenta:
 Apenas te diverte... ou te adormenta!
 Dizem muitos que a Arte,
 Essa deusa que tem um culto em toda a parte,
 Menos na nossa terra,
 Dos revisteiros sofre impertinente guerra:
 Engano, puro engano!
 Pode haver Arte na revista-de-ano.
 Se não a tem a nossa,
 Outra, de outros, virá que apresentá-la possa.”
 — Público generoso,
 Dei-te o recado. Adeus! Sê gracioso.
 Não busques intenção danada onde a não houve,
 E o teu aplauso próspero nos louve.
 Deste prazer sincero não nos prives...
 Termino como Plauto. Adeus! *Plaudite, cives!*

[[*Cai o pano.*]]

ATO PRIMEIRO

Quadro 1

Saleta em casa de Fonseca. Uma porta de cada lado.

CENA I

Um CRIADO, depois RAPOSO (*Ao levantar o pano, ouve-se tocar campainha com insistência.*)

O CRIADO (*Saindo da direita e correndo para a esquerda.*)
 — *Aí vou! aí vou!... Ó senhor! pensa que estamos surdos?*
 (*Abre a porta.*)

RAPOSO (*Entrando.*) — *Ora viva! (Reparando no criado.)*
 Mas não me engano! Tu não te chamas Joaquim?

O CRIADO — *Sim, senhor.*

RAPOSO — *Já estiveste alugado em minha casa...*

O CRIADO — *Sim, senhor.*

RAPOSO — *Pus-te no olho da rua, porque todos os dias roubavas-me um charuto.*

O CRIADO — *É falso, roubava dois.*

RAPOSO — *Ainda o confessas, miserável!*

O CRIADO — *Eram tão bons!*

RAPOSO — *Legítimos Bemas.*

O CRIADO — *Vossa Senhoria tem aí algum disponível?*

RAPOSO — *Tenho coisa melhor... Dize-me cá: estás agora ao serviço do Senhor Fonseca?*

O CRIADO — *Sim, senhor.*

RAPOSO — *Onde está ele?*

O CRIADO — *Está se preparando para sair.*

RAPOSO — *Há quanto tempo aqui estás?*

O CRIADO — *Há um ano, pouco mais ou menos.*

RAPOSO — *Muito bem. (Tirando uma nota do bolso.)*
 Sabes o que isto é?

O CRIADO — *Uma nota de dez mil réis.*

RAPOSO — É tua.

O CRIADO — Ah! (*Estende a mão.*)

RAPOSO (*Guardando a nota.*) — É tua, se me dás as informações que eu te pedir.

O CRIADO — Quantas quiser.

RAPOSO — Antes de mais nada, e para não estranhares as minhas perguntas, é bom que saibas o seguinte: o Senhor Fonseca acaba de me dirigir uma carta, pedindo em casamento a mão de uma de minhas filhas... a minha filha do meio... a minha Felisberta... Sabias?...

O CRIADO — Sabia do namoro... Eu é que levava e trazia a correspondência...

RAPOSO — Gabo-te a pachorra. Mas dize-me... o Senhor Fonseca tem livraria em casa?

O CRIADO — Como?

RAPOSO — Quero dizer: tem livros?

O CRIADO — Poucos.

RAPOSO — Não passa as noites a ler ou a escrever?

O CRIADO — Não, senhor; é um homem sério. Deita-se cedo, apaga a vela, e dorme que é um regalo.

RAPOSO — Mau! Não é então um homem de letras?

O CRIADO — Como?

RAPOSO — Valha-me Deus! não se pode conversar com gente estulta!

O CRIADO (*Estendendo a mão.*) — Não precisa de outras informações?

RAPOSO — Preciso que não me aborreças. Hás de ser sempre um estúpido!

O CRIADO (*À parte.*) — Daquela mata não sai coelho. (*Alto.*) Aí vem o Fonseca.

CENA II

Os MESMOS, FONSECA

FONSECA (*Entrando.*) — Oh, meu caro Senhor Raposo! Que agradável surpresa! Como tem passado?

RAPOSO — Vamos indo... E o senhor?

FONSECA — Bem, obrigado. (*Ao criado.*) Deixa-nos. (*O criado sai.*) Recebeu a minha carta?

RAPOSO — Sim, senhor, e por isso mesmo é que aqui estou.

FONSECA — Então? Traz-me uma boa notícia?

RAPOSO — Consultei a minha Felisberta... A pequena estima-o muito, e faz gosto em ser sua mulher... Eu também não me oponho... preferia que fosse a minha mais velha, a minha Angélica... mas enfim... amor não se obriga... apenas imponho uma ligeira condição...

FONSECA — E eu estou pronto a cumpri-la. Qual é?

RAPOSO — Oh! o senhor vai rir-se... Aposto que se vai rir... Mas que quer? é uma mania que me apareceu... uma mania como outra qualquer...

FONSECA — Explique-se, Senhor Raposo!

RAPOSO — É o que vou fazer, esforçando-me por lhe parecer menos ridículo possível. Senhor Fonseca, eu não ia a teatros há muito tempo... desde que morreu o João Caetano... Todos os gêneros teatrais me desgostavam... desde que não fossem representados por artistas excepcionais...

FONSECA — Mas...

RAPOSO (*Interrompendo-o com um gesto.*) — Mas há dois para três anos, anunciou-se uma revista, *O Mandarin*, e, como eu não conhecia esse gênero, fui ao Príncipe Imperial. Voltei de lá encantado!

FONSECA — Deveras?

RAPOSO — Encantadíssimo. E apaixonei-me pelo diabo do gênero! No ano seguinte a *Cocota*, e, neste ano, a *Mulher-Homem* e o *Bilontra* fizeram com que a minha paixão tomasse proporções incalculáveis!

FONSECA — Mas, enfim, onde quer chegar o Senhor Raposo?

RAPOSO — Quero chegar a esta conclusão... terminante: ¹ o senhor, se quiser a mão da minha Felisberta...

FONSECA — Meu Deus! eu tremo!

RAPOSO — ... trate de escrever uma revista de 1886.

FONSECA — Oh, senhor! que idéia!... Eu não sou comediógrafo!...

RAPOSO — Faça-se. Aqui estou eu que não era negociante, e fiz-me. E o comércio é uma profissão muito mais difícil que a de autor dramático.

FONSECA — Mas...

RAPOSO — O meu sonho, o meu ideal é que minhas filhas casem com autores de revistas. O meu desejo era dar a minha Felisberta ao Doutor Moreira Sampaio, a minha Angélica ao Artur Azevedo, e a minha Clementina ao Valentim

1. 1887: terminant

Magalhães... Mas, por desgraça, são todos três casados! Ainda há um solteiro, o Filinto de Almeida... quero ver se lhe impinjo uma delas... a mais velha...

FONSECA — O senhor tem estado para aí a dizer uma enfiada de absurdos!

RAPOSO — Quais absurdos nem meio absurdos! O senhor gosta ou não gosta da pequena?

FONSECA — Se gosto! Se gosto!

Romança

I

[FONSECA] — Pergunte-me se adoro a bela música,
No prado se aprecio a flor singela,
Do sol se me deslumbra o raio esplêndido;
Mas não pergunte, oh, não! se eu gosto dela!

II

Pergunte-me se gosto de uma pândega,
De amor a esmola se o meu peito anela;
Dirija-me as perguntas mais exóticas,
Mas não pergunte, oh, não! se eu gosto dela!

RAPOSO — Está bom, não pergunto mais nada. Mas vejo-o em tais disposições, que só tenho a dizer-lhe uma coisa: mãos à obra! Querer é poder! Olhe, para provar-lhe o interesse que ligo a tudo isto, e o desejo que tenho de ser seu sogro... (Vai à porta da esquerda e chama alguém.) Psiu! Olá! Entra!...

FONSECA — Que é?

RAPOSO — Vai ver. (Entra um carregador com uma grande cesta cheia de folhetos.)

CENA III

RAPOSO, FONSECA, um CARREGADOR, que logo sai

RAPOSO — Arria! (Ajuda o Carregador a arriar o cesto no centro da cena. Ao Carregador.) Aqui está o carroto. (Paga-lhe). Podes ir. (O Carregador sai.)

FONSECA — Que papelada é esta?

RAPOSO — Como o senhor não ignora, ou, pelo menos, não deve ignorar, a revista-de-ano é um gênero teatral genuinamente francês. Pois bem: mandei buscar a Paris... quanta revista impressa pudesse ser ali encontrada... O senhor não tem que fazer... vive dos seus rendimentos... Em três ou quatro meses pode ler tudo aquilo... e depois desse trabalho, dou uma perna ao diabo se não estiver habilitado a escrever também uma revista... (Apertando-lhe a mão.) Adeus! deixo-o com aquela biblioteca... A mão de minha filha está ali no meio daquelas brochuras... Está ali a sua felicidade... Estão ali os elementos para um novo *Bilontra*. Aproveite-os, e, sobretudo, lembre-se de que a condição que lhe imponho é irrevogável e formal!... O Senhor Fonseca só será meu genro depois que me apresentar a sua revista de 86!...

FONSECA — Mas, senhor!...

RAPOSO — Nem mais uma palavra! Estamos em janeiro. (Da porta.) Faça uma revista!... (Sai.)

CENA IV

FONSECA, só, depois FRIVOLINA

FONSECA — Uma revista! uma revista!... Este velho está maluco! diz-me que faça uma revista, como se isso fosse a coisa mais fácil deste mundo! E então eu, que nunca tive jeito para estas coisas! Estou metido em boa, não há dúvida! E, pelos modos, o Senhor Raposo é inabalável! Oh! que idéia! vou ter com qualquer desses rapazes que ele mencionou, exponho-lhe a minha situação e peço-lhe que me livre de semelhante embaraço. Mas isso é lá possível!... com que cara vou encomendar uma peça, como se encomendasse um par de botas! Oh! Felisberta! minha Felisberta! quem me trará socorro? (Forte na orquestra, que continua a tocar em surdina até as coplas. O cesto e as brochuras transformam-se num ramalhete, que se abre, e donde sai Frivolina.)

FRIVOLINA — Eu!

FONSECA — Oh! prodígio!

FRIVOLINA — Vi o teu desespero e tive pena de ti.

FONSECA — Quem és tu?

FRIVOLINA — Eu chamo-me Frivolina, e sou a musa das revistas-de-ano.

FONSECA — Ah!

Copla

FRIVOLINA — De Aristófanos sou neta;
Sagrou-me um grande poeta:
Nasci na Grécia pagã.
Troquei a sátira eterna
Pela pilhéria moderna,
Pelos saltos de um cancão.
Quando vibro o meu látego,
Sem compaixão, sem dó,
Apanha o grande Sócrates
E apanha o Caiapó.

FONSECA — Oh! mas, uma vez que és a musa das revistas-de-ano, uma vez que me dispensas a tua graciosa protecção, tenho toda a certeza de alcançar a mão da minha Felisberta!

FRIVOLINA — Estou pronta a te servir de guia... Farás uma revista!

FONSECA — Farei uma revista! Isto é um sonho!

FRIVOLINA — Não é tal um sonho. Confia em mim. Podemos começar a peça desde já. Como ponto de partida, procuremos um reino fantástico. Qual há de ser?

FONSECA — Bem me perguntas a mim! Vê tu lá!... Só sei que é imprescindível um jongo. Não há revista sem jongo.

FRIVOLINA — Sossega. Havemos de achar um jongo. Pensemos antes no prólogo. O Olimpo não está explorado... Se puséssemos o prólogo no Olimpo?

FONSECA — Achas?

FRIVOLINA — Acho que daria bom resultado.

FONSECA — Também eu. Demais, está agora tão em moda o *Oh! sujo!* que toda a gente deve gostar desta variante *Oh! limpo!* Vamos!...

FRIVOLINA — Não é preciso irmos a parte alguma. Daqui mesmo tudo se arranja, graças ao poder maravilhoso de que disponho. E previno-te de que nos encarnaremos na pele de outros personagens... Olha esse Olimpo, que saia! (*A cena transforma-se e aparece o Olimpo. Nuvens por toda a parte.*)

Quadro 2

O Olimpo

CENA I

FONSECA, FRIVOLINA, a corte de Júpiter, depois JÚPITER, um REPOSTEIRO

FRIVOLINA — Aí tens tu reunida a corte de Júpiter.

FONSECA — É assombroso!

FRIVOLINA — Vem comigo: faremos a nossa entrada a tempo. (*Saem correndo. Os coros, que estão alinhados ao fundo, descem, dividindo-se em duas diagonais.*)

CORO — Olé! curvemo-nos
Sem mais tardar,
Que o grande Júpiter
Vai cá chegar.

(*Todos se curvam. Entra Júpiter, acompanhado de um Reposteiro.*)

Coplas

I

JÚPITER — Cá está Júpiter Tonante,
O Zeus Páter imortal!
Conhecido eu sou bastante,
Tenho fama universal!
Excedi no ardor da guerra
Os melhores capitães,
Quando um dia pus por terra
Quatrocentos mil titãs.

CORO — Ele um dia pôs por terra
Quatrocentos mil titãs!...

II

JÚPITER — Mas de todos esses feitos
De que tenho sido autor,
Não há feitos tão bem feitos

Como os feitos por amor...
 Já fui cisne, já fui touro...
 E uma vez caí até,
 Transformado em chuva de ouro,
 Nos jardins de Danaé!

CORO — Transformou-se em chuva de ouro
 Nos jardins de Danaé!

(No fim do canto, Júpiter vai sentar-se em um trono que
 deve estar ao fundo.)

CENA II

A corte de Júpiter, JÚPITER, um REPOSTEIRO, depois e
 sucessivamente, à proporção que forem nomeados, NETUNO,
 TÊMIS, MARTE, VULCANO, APOLO, MINERVA, CERES,
 BACO, MERCÚRIO, CUPIDO [PLUTÃO]

JÚPITER — Do meu grandioso Olimpo alado reposteiro,
 Faze entrar e anuncia o Ministério inteiro.

O REPOSTEIRO

— Plutão, famoso deus, Ministro das Finanças;
 Por lhe faltar com que...

(Sinal de dinheiro.)

já se tem visto em danças...

Netuno, um sabichão, Ministro da Marinha,
 Sujeito tão sagaz que às vezes adivinha;
 Têmis, deusa gentil, Ministra da Justiça,
 As vezes inconcussa e às vezes dobradiça.
 Marte, o deus valoroso, é o Ministro da Guerra,
 Que toda, toda a terra aterra quando berra!
 O Ministro da Indústria, o mísero Vulcano,
 Cuja história fatal dá para as mangas pano.
 Apolo! ei-lo! o Ministro ele é das Belas-artes;
 Não lhe dão que fazer no ministério as partes.
 Esta é Minerva; a deusa é da sabedoria;
 Da Pública Instrução Ministra prestadia.
 Da Agricultura aí vem a ministrona Ceres...

JÚPITER — No governo, ai de nós! contamos três mulheres!

O REPOSTEIRO

— Dos vinhos o Ministro! É Baco, o deus da uva;
 Ele é quem pode mais, porque é o manda-chuva.
 Mercúrio, o genial Ministro do Comércio,
 Que tem ultimamente andado muito cêrceo.
 Cupido, o deus do amor, Ministro de Estrangeiros;
 Nenhum como ele tem dois olhos tão brejeiros.

JÚPITER (A corte.)

— Bem! deixai-me ficar a sós c'o Ministério.
 Reúne-se o Conselho: o caso é muito sério.

CORO — Olé! safemo-nos
 Sem mais tardar,
 Que o grande Júpiter
 Quer só ficar.

(Júpiter e os Ministros ficam sós.)

CENA III

JÚPITER, os MINISTROS

JÚPITER — Sentai-vos todos. (Obedecem.)

De Ministros está, e isto é costume velho.
 Venho de uma jornada. Andei trezentas léguas.
 Matei vinte animais: dez burros e dez éguas
 Escolas visitei... examinei rapazes...
 Estas gâmbias mostrei de quanto são capazes;
 E toda a minha imensa e ilustre comitiva
 No caminho ficou mais morta do que viva.
 Mas, em vez de ir deitar-me e descansar, reúno
 O Amor, Ceres, Plutão, Baco, Têmis, Netuno,
 Mercúrio, Marte, Apolo, e Vulcano, e Minerva.
 Não falta aqui ninguém desta magna caterva
 Que há de reconhecer que tem um rei de
 bronze!

(Contando os ministros.)

Quatro e dois seis, e três são nove, e um dez,
 e um onze.

— Que tens feito, Plutão, Ministro das Finanças?
 Sobre os lucros acaso apático descansas?

- PLUTÃO — Dois empréstimos fiz: um pequenino, interno...
Outro maior!
- JÚPITER — Maior?
- PLUTÃO — Muito maior: externo...
Todo o povo, senhor, pulou de satisfeito.
Apenas um ou outro inepto, por despeito,
Achou que era mostrar-me extremamente fraco
Um buraco tapar abrindo outro buraco.
Da apólice, papel absurdo e quase odiento,
Os juroz reduzi de cinco a seis por cento.
- JÚPITER — Como de cinco a seis?! Brincando estás?
- PLUTÃO — Não brinco.
Disse de cinco a seis? Pois bem: de seis a cinco.
- JÚPITER — E não fizeste mais?
- PLUTÃO — Pus em circulação
Um belo nicolau que val' meio tostão.
- JÚPITER — Pois não fizeste pouco; há vaga no Senado:
Senador hás de ser.
- PLUTÃO — Muitíssimo obrigado.
- JÚPITER — Cabe-te agora a vez, aquático Netuno;
Dize-me o que tens feito.
- NETUNO — Eu cá não te importuno
Com longa narração; bem pouco tenho feito,
E o Ministério meu tem sido bem aceito.
- JÚPITER — Senta-te, Conselheiro. Ó pudibunda Têmis,
Que foi? que sucedeu? Parece-me que tremes!
Acaso, minha flor, tens culpa no cartório?
Vamos! conta-me tudo!
- MERCÚRIO — Olha esse relatório!...
- TÊMIS — Tua cólera, senhor, da luz do sol me prive!
Durante muito tempo estive ausente... estive!
No tribunal do júri a espada da Justiça
Mostrou-se desta vez espada de cortiça,
E provado deixou que, tendo algum dinheiro,
Bem pode uma mulher matar o mundo inteiro.
Para isso bastará saber soltar uns gritos,
E a propósito ter uns quatro faniquitos.
- JÚPITER — Que mais fizeste?
- TÊMIS — Alguns tenentes-coronéis.
E arrumei quatro mil e vinte bacharéis.

- JÚPITER — Marte, cabe-te a vez.
- MARTE — Nas leis abroquelado,
Fiz coisas que não sei se são do teu agrado.
Eu quando prendo, prendo; eu quando ralho,
ralho.
Houve o diabo, e, afinal, alguém que deu cavaco
Acabou por meter a viola no saco.
- JÚPITER — Não pude compreender nada do que disseste:
Mais tarde o explicarás. Vulcano, que fizeste?
- VULCANO — Da Indústria sou Ministro... a indústria está
deitada.
Perguntas-me o que eu fiz. Meu velho, eu não
fiz nada.
Instado em petições as mais impertinentes,
Concedi de invenção trezentas mil patentes.
Mas, por via de regra, em tendo o meu
despacho,
Invenção e inventor lá vão por água abaixo.
- JÚPITER — Apolo, agora és tu; podes falar. As artes
Têm nos esforços teus ingentes baluartes.
As artes como vão?
- APOLO — Se mal, nunca maleitas;
Nós temos o De Wilde e temos o Vieitas;
O Luxemburgo e o Louvre. É bem pequeno o
alforje.
Houve uma exposição na Rua de São Jorge...
- JÚPITER — Exposição de quê?
- APOLO (Com desdém.)
— Trabalhos dos alunos.
Da nossa Academia.
- JÚPITER — Olá!
- APOLO — Uns importunos
Que mérito não têm. Dois célebres pintores,
Da mesma Academia ilustres professores,
Andam a viajar. Um deles tem licença
Para ser mestre e viver em Florença.
- JÚPITER — Bonito!
- MERCÚRIO — Pode dar lições por telegrama.
- JÚPITER — O outro que foi fazer?
- APOLO — Pintar um panorama.
Fez uma associação sob ótimos auspícios,
Para à Europa mostrar os nossos edifícios.

- JÚPITER — Minerva, minha filha amada, que tiveste
Da Pública Instrução a pasta — que fizeste?
- MINERVA — Suspendi das funções um certo mestre-escola.
- JÚPITER — Deveras?
- MINERVA — Sim.
- JÚPITER — Por quê?
- MINERVA — Meteu-se-lhe em cachola
Vergastar sem piedade uma infeliz criança
E gabar-se depois a toda a vizinhança.
- VULCANO — Fez ele muito bem. Eu tenho lá meu filho.
Em se portando mal, que apanhe o peralvilho.
- JÚPITER (*A Ceres, que está dormindo.*)
— Ó Ceres, tu que tens da Agricultura a pasta,
Dize-me o que fizeste. O que fizeste?

Basta,

(Ceres ressona.)

- E Baco, o deus do vinho, o deus de mais
devotos,
Que fez enquanto andei por páramos remotos?
- BACO — Eu sempre ouvi dizer que é mau amigo:
Que desgraças sem conta o vinho traz consigo;
Por isso habituar eu quis o Zé Povinho
Certo vinho a beber, que é vinho e não é vinho.
Senhor, vejo-me numa enorme lufa-lufa!
Além de não andar lá fora a uva à ufa,
Preciso proteger a indústria, que se mexe,
E à altura de um princípio erguer o pau-
campeche.

- O povo está comigo, o povo inteiro diz:
Não há vinho melhor que os vinhos do país.
Eis a questão: *país*. . . *P* grande ou *p* pequeno?
Que não confunda o povo o néctar e o veneno!
- MERCÚRIO — Coitado! está na chuva!
- JÚPITER — Em épocas pretéritas
Um grande sabichão lá disse: *In vino veritas.*

Copla

- BACO — A questão causou tanto azedume,
Que não pode acabar muito bem:
Foi até publicado um volume,
Que eu não sei quantas páginas tem!
Esta luta os burgueses aterra,

- Mas a graça é que a gente que a faz
Foge toda dos campos da guerra,
E dirige-se aos campos da paz.
- JÚPITER — Podes sentar-te, Baco. Um velho te aconselha
Que trates de esfregar limão atrás da orelha.
Mercúrio!
- MERCÚRIO — — Pronto!
- JÚPITER — Fale a pasta do Comércio.
- MERCÚRIO — Esta pasta, senhor, já não vale um sestércio.
O negócio vai mal neste país. Quebradas
Muitas firmas estão com fama de abastadas.
Só do crédito vive o negociante honrado.
Dinheiro? Qual dinheiro! 'Stá tudo esbodegado:
Fundam-se um banco e logo o povo inteiro acode;
Mas abundância tal que a ninguém mais
engode,
Pois é sinal que o cobre está muito vasqueiro,
E, seja como for, é bom fazer dinheiro.
Para que conheçais o estado desta praça,
E até que ponto chega a indômita desgraça,
Dizer-vos bastará que da Bolsa o edifício
Ainda não passou do informe frontispício,
Arquitetura aliás bastante discutida.
Da Bolsa a construção ficou interrompida,
À espera de que ali simples acaso ponha
Um pouco de dinheiro e um pouco de vergonha.
- JÚPITER — Teus argumentos são profundos, verdadeiros.
Cupido, eu confiei-te a pasta de Estrangeiros.
- CUPIDO — Nós estamos, senhor, em paz com toda a gente,
Sim, muito embora alguém nos arreganje o
dente.
Por isso nada fiz. Por causa de um nota,
Muitas notas paguei.
— Que é lá?
- JÚPITER — Não foi patota.
- CUPIDO — No mais, joguei o *whist*, dancei... fiz-me
simpático
As damas em geral e ao corpo diplomático.
- JÚPITER (*Erguendo-se.*)
— Bem! bem! está dissolvido o Conselho.
- TODOS (*Erguendo-se também.*) — Ora graças!
- MERCÚRIO (*A Júpiter, trazendo Cupido pela mão.*)
— Queremos que um favor benévolo nos façam.

JÚPITER — Esse favor qual é?
 CUPIDO — Oh! Júpiter, consente
 Que baixemos à terra os dois, e prontamente.
 JÚPITER — Mas... que ides lá fazer?
 CUPIDO — Uma revista-de-ano.
 MERCÚRIO — Esta descida entrou no respectivo plano.
 JÚPITER — E as pastas?
 CUPIDO — Ficarão nas mãos de outros ministros.
 (*Mercúrio e Cupido entregam as pastas a Júpiter.*)
 Não faças por piedade uns olhos tão sinistros.
 De volta em breve estou.
 MERCÚRIO — Voltaremos depressa.
 CUPIDO — Precisamos descer, senão termina a peça.
 JÚPITER — Pois desçam, por Saturno! Automedonte! Olá!
 Semideuses, olé! Que todos venham cá!

CENA IV

Os MESMOS, os COROS, depois AUTOMEDONTE

Final

CORO — Nossa presença reclama
 O Zeus Páter imortal!
 Porque Júpiter nos chama?
 Aconteceu-lhe algum mal?
 JÚPITER — Mercúrio e Cupido vão ambos partir!
 Toca a despedir!
 MERCÚRIO e CUPIDO — Vamos pra terra a todo pano
 Entrar numa revista-de-ano!
 CORO — Oh! que imortais
 Originais!...
 JÚPITER — Automedonte!
 CORO — Automedonte! Automedonte!
 AUTOMEDONTE (*Entrando.*)
 — Automedonte chamo-me,
 E Dóris é meu pai:
 O meu valor à história
 Em direitura vai!
 Sou ágil, sou levípede,
 E quem conduz sou eu
 O carro e mesmo o tílburí
 Do filho de Peleu!

Clic! clac!
 Clic! clac!
 CORO — Clic! clac!
 MERCÚRIO e CUPIDO — Até à vista!
 Vamos fazer uma revista!
 CORO — Adeus! Adeus!
 Amigos meus!
 (*Cupido e Mercúrio saem, acompanhados por Automedonte.*)
 JÚPITER — Para a partida celebrar,
 É dançar!
 CORO — Dançar! Dançar!

(*Cancã desenfreado. Fogos. Rasgam-se as nuvens do fundo e vê-se passar um carro fantástico, levando dentro Mercúrio e Cupido, e boleado por Automedonte.*)

Quadro 3

O CARRO DE AUTOMEDONTE

[[*Cai o pano.*]]

ATO SEGUNDO

Quadros 4 e 5

O Largo da Carioca. É de madrugada. Os lampiões têm uma luz mortiça. Um véu de gaze no proscênio. Estão em cena Mercúrio e Cupido.

CENA I

MERCÚRIO, CUPIDO, depois povo

MERCÚRIO — Não posso mais!

CUPIDO — Eu morro de cansaço!

MERCÚRIO — Que incômoda jornada! Automedonte
P'los ares nos levou de monte em monte,
Vencendo o longo espaço...
Há apenas um momento
Chegamos e o fantástico veículo,
Pra evitar o ridículo,
Subiu logo de novo ao claro assento,
Mais rápido que o vento!

CUPIDO — Que o próprio pensamento!

MERCÚRIO (*Ao público.*)

— Se mais depressa vai acima o pano,
Inda o verieis remontar aos ares,
Pairando airoso sobre terra e mares.

— Eia! Tratemos da revista do ano!

CUPIDO

— É cedo. A roxa aurora...
Inda não está de fora...

Cantam ainda nos quintais os galos.
Eu sou o amor... é esta a minha hora...
Se neste instante os peitos fossem sinos
E os corações badalos...

MERCÚRIO — Que barulho infernal, deuses divinos!

CUPIDO (*Vendo a Companhia do Gás que atravessa ao fundo munida de um apagador.*) — Uma mulher?...

MERCÚRIO — De madrugada? É obra!...
(Aproximando-se dela.) Se tens tempo de sobra,
 Formosa dama, diz-me o teu nome.

A COMPANHIA DO GÁS
 — Por vagabunda aqui ninguém me tome!

Coplas

I

Meu gás é muito barato;
 De graça quase que fica;
 Conquanto eu não seja rica,
 Bem pouco me satisfaz.
 A tão formosa cidade
 Prestar vou muitos serviços:
 Vereis em breve os cortiços
 Iluminados a gás.
 Fora a luz elétrica,
 Que a ninguém seduz!
 Viva o meu gasômetro,
 Que dá luz
 De truz!

II

O diabo é se os meus fregueses
 Fazem todos o reparo
 De que o barato sai caro,
 Por não ter força o meu gás;
 Dão pouca luz os meus bicos,
 Por mais que a chave se torça;
 Que tenha, pois, o gás força,
 Só crê quem não for sagaz.
 Fora a luz elétrica! etc.

Sou, pois, do gás a nova Companhia,
 E ando a apagar os lampiões, que é dia.

MERCÚRIO — Dia dizes? Homessa!
 Nem mesmo a aurora a despontar começa!

(Ouve-se um tiro longínquo.)

Olha!... o tiro de peça!

CUPIDO *(À parte.)*

— Tivesse eu tempo, e afortunado iria
 Companhia fazer à companhia!

MERCÚRIO — Se apagas os lampiões nestas alturas,
 Todos nós ficaremos às escuras.

A COMPANHIA DO GÁS

— Nada tenho com isso. O meu contrato
 Tal regalia trouxe.
 E então? Se assim não fosse.

Cômo eu pod'ria um gás dar tão barato,
 Que tão barato assim ninguém o vende?

CUPIDO — O barato sai caro. Eu sempre ganho,
 Se gasto mais e deixo o rebotalho.

A COMPANHIA DO GÁS

— Vou apagar os lampiões!

MERCÚRIO

— Suspende!

Vê que as famílias passam para o banho,
 E os operários passam pro trabalho.

(Efetivamente, distingue-se uma massa confusa de gente que passa.)

A COMPANHIA DO GÁS

— Ora vai te catar! *(Vai apagar os lampiões.)*

CUPIDO

— Faz o que diz!

MERCÚRIO — Não vejo um palmo adiante do nariz!

(A cena fica o mais escuro que for possível. As pessoas do povo descem ao proscênio. Cupido e Mercúrio confundem-se com a turbamulta.)

CORO

— Não distingo nada
 Nesta escuridão!
 Há de ser difícil
 Ir ao Boqueirão!
 Ora, francamente,
 Isto não se faz!
 Inda é noite escura,
 Já se apaga o gás!

MERCÚRIO — Eu vou salvar a situação,
 Fazendo a Apolo invocação.

Apolo, eu te suplico:
Acende o teu farol,
E manda-nos, meu rico,
Hoje mais cedo o sol.

(A cena torna-se repentinamente muito clara. Sob o véu de gaze.)

CORO — Oh!...
Claro dia refulgente
De repente apareceu!
Não sabemos francamente
Como tal aconteceu!...

(O povo sai. Mercúrio e Cupido aparecem vestidos à moda.)

MERCÚRIO (Declamando.)
— Eis-nos ambos por encanto
Da terra à moda trajados;
Nestas roupas enjorcados,
Não causaremos espanto.

CUPIDO — Nós de ser deuses deixamos...
Agora o caso é diverso...
Ponhamos de parte o verso
E em prosa nos exprimamos.

MERCÚRIO — Proposta muito acertada,
Caro Cupido, foi essa.
Vamos! Atenção! Começa
Dos tipos a desfilada!

CENA II

MERCÚRIO, CUPIDO, o CANDIDATO, depois o NUNES

O CANDIDATO (Entrando.) — Ah! meus senhores, estou eleito! que felicidade! que ventura! estou eleito vereador! Como sou feliz! Eleito! (Saindo.) Eleito! Eleito!

CUPIDO — Aí vai um tipo satisfeitíssimo por ter sido eleito vereador, um cargo gratuito e cheio de espinhos. Poucos são os que saem limpos da Câmara.

MERCÚRIO — Mas bastantes são os que a limpam.

O NUNES (Entrando muito irritado.) — Ora esta! ora esta! Imaginem os senhores que eu estava no seio de Anfitriete.

O CUPIDO — Onde?

O NUNES — No Boqueirão do Passeio...

MERCÚRIO — De Anfitriete. Adiante.

O NUNES — Como sabem, eu sou um insigne nadador... De repente, um amigo que se banhava ao meu lado... um amigo que por sinal não nada.

CUPIDO — Nada?

O NUNES — Nada!

MERCÚRIO — Mau! nada ou não nada?

O NUNES — Pois se eu lhes digo que não nada nada! Oh! Mas esse amigo aproximou-se de mim e disse-me: Ó Nunes! (Eu chamo-me Nunes.)

MERCÚRIO — Parabéns.

O NUNES — Muito obrigado. O Nunes, já viste as tais navalhas mecânicas? Que navalhas mecânicas?! exclamei sobressaltado. As que vieram de Paris, e com as quais pode fazer a barba o indivíduo mais nervoso, sem auxílio de barbeiro! Não quis saber de mais nada, porque eu antes de ser autor dramático, sou artista capilar. Mergulhei, saí na praia, vesti-me, e cá estou.

CUPIDO — Ah! o senhor também é...

O NUNES — Ainda neste momento tenho em mãos um drama em cinco atos, e esse trabalho tanto pertence ao barbeiro como ao dramaturgo.

MERCÚRIO — O título?

O NUNES — Os filhos da Navalha. — Meus senhores, adeus! vou procurar um advogado! Indicam-me algum?

MERCÚRIO — Pois não: o Doutor Melo Pitada.

O NUNES — Vou tomá-lo. Muito obrigado. (Sai.)

O CANDIDATO (Voltando.) — Não estou eleito! é uma infâmia! O juiz mandou proceder a novo escrutínio! Não estou eleito! Ora vejam que desaforo! (Sai pelo lado oposto.)

MERCÚRIO — Este diabo ainda fica maluco com a eleição!

CUPIDO — Aí vem mais! aí vem mais!

MERCÚRIO — Não temos mãos a medir.

CENA III

MERCÚRIO, CUPIDO, o BOTICÁRIO RICO, ROBERTINO, depois o CANDIDATO

ROBERTO e O BOTICÁRIO — É um atentado! Isto só se vê nesta terra!...

MERCÚRIO — Que é isso, meus senhores? Que lhes fizeram?

AMBOS — Somos duas vítimas da Inspetoria de Higiene.

CUPIDO — Fale cada um por sua vez.

ROBERTINO — Primeiro eu, que sou letrado.

O BOTICÁRIO — Primeiro eu, que só ações do Banco do Brasil tenho três mil.

CUPIDO — Três mil ações! Oh!... (*Faz ao Boticário uma reverência tão grande, que chega a beijar-lhe os pés.*)

MERCÚRIO (*Baixo a Cupido.*) — Então? que bajulação é essa?

CUPIDO (*Baixo.*) — Pois não te lembras que eu sou o amor?

MERCÚRIO (*À parte.*) — Este Cupido é cúpido!

CUPIDO (*Ao Boticário.*) — Fale em primeiro lugar Vossa Excelência... O dinheiro dá-lhe todas as primazias...

ROBERTINO — Ora! que vale dinheiro sem isto? (*Bate na cabeça.*)

MERCÚRIO — Sem careca?! Deixe-se disso: careca não vai à missa. Cubra o queijo.

O BOTICÁRIO — Aí vai a minha grande queixa: multaram-me por exercício ilegal da Medicina!

MERCÚRIO — Multaram-no? É extraordinário! Decididamente este país vai à garra! Já se multam os ricos! Mas o senhor... perdão... Vossa Excelência naturalmente exercia a Medicina sem ser médico...

ROBERTINO — Mas é boticário.

O BOTICÁRIO — Farmacêutico, se faz favor... e, além de ser farmacêutico, tenho três mil ações...

MERCÚRIO — Do Banco. Neste país não há justiça, meu caro doutor.

O BOTICÁRIO — Ah! mas eu vou pregar-lhes uma boa peça.

OS OUTROS — Qual?

ROBERTINO — Vai fechar a botica...

O BOTICÁRIO — A farmácia, se faz favor. Fecho a farmácia e pespego-lhe na porta este letreiro: *Esta farmácia deixou de funcionar; não se mudou; não tem filial nem sucursal em parte alguma.* E ainda mais: *Cette pharmacie a cessé de fonctionner.*

MERCÚRIO — Oh! não faça isso! Sem a sua farmácia, que há de ser da mocidade estudiosa?

O BOTICÁRIO — Hei de dar que falar de mim! Nas ruas, nos botequins, nas casas, nas repartições públicas, nos pontos dos bondes, por toda a parte só se dirá: — Ele fechou a casa! Ele fechou a casa!

MERCÚRIO — Isso é bom de dizer. O público tem muito em que se ocupar, e eu duvido muito que o fechamento de sua casa lhe faça tanta moça... apesar das três mil ações...

O BOTICÁRIO (*Enchendo a boca.*) — Do Banco.

MERCÚRIO — Se o senhor... se Vossa Excelência quiser dar que falar de si, pratique uma ação que, até hoje, apesar das tais três mil, ainda não se lembrou de praticar...

O BOTICÁRIO — Qual?

MERCÚRIO — Faça esmolas...

O BOTICÁRIO — Ora viva! Vou encomendar a tabuleta!... (*Sai.*)

ROBERTINO (*Subindo e querendo acompanhá-lo.*) — Ó colega! Espere!...

CUPIDO (*Retendo-o.*) — Perdão, o senhor ainda não nos disse quem é.

ROBERTINO — Pois não sabem?

OS DOIS — Não!...

ROBERTINO — Homem, é extraordinário!... Pois, meus senhores, eu sou o autor de vinte volumes sobre jurisprudência e de cinquenta polcas executadas em todos os pianos da capital... Aquela célebre polca: *Trá lá lá...*

OS DOIS — Trá lá lá lá lá...

ROBERTINO — Sou também o autor do xumbi.

MERCÚRIO — Conheço... É outra polca...

ROBERTINO — Que polca! É um medicamento contra a tísica...

CUPIDO — Em primeiro grau?

ROBERTINO — Em terceiro. O xumbi só cura os desengoados.

OS DOIS — Ah!...

O CANDIDATO (*Voltando.*) — Sabem? Estou eleito! Estou eleito! Oh! que felicidade! oh! que ventura! Eleito!... (*Sai pelo lado oposto.*)

ROBERTINO — Eu sei o que aquilo é... Também já fui candidato...

CUPIDO — Mas o doutor é um homem extraordinário! Tem sido...

ROBERTINO — Tudo. Mas agora descobri um medicamento preventivo do cólera: a *Robertina*... Cá está ele... (*Tira um vidro da algibeira.*) Este primeiro vidro é para ser tomado antes da moléstia... Este segundo é para ser tomado durante a moléstia... Este terceiro é para ser tomado depois da moléstia...

MERCÚRIO — Nesse caso, parece-me que o primeiro e o último são dispensáveis.

CUPIDO — E o segundo também.

ROBERTINO — Perdão: o primeiro previne, o segundo remedeia, e o terceiro... o terceiro...

MERCÚRIO — O terceiro não se toma.

ROBERTINO — Ou isso.

CUPIDO — Mas se o primeiro previne...

MERCÚRIO — Não se precisa do segundo, que remedeia...

CUPIDO — E muito menos do terceiro, que...

MERCÚRIO — Que ou isso!

ROBERTINO — Ora! e eu a gastar palavras! Os senhores estão fazendo concorrência à Inspetoria de Higiene, que condenou o meu específico e me mandou fechar...

MERCÚRIO — A botica?

ROBERTINO — O laboratório, se faz favor! Ora vivam! (Sai.)

MERCÚRIO — Sim, senhor, por ora não vamos mal de tipos.

CENA IV

MERCÚRIO, CUPIDO, a CARABINA CHUCHU

MERCÚRIO — Oh, que moça papa-fina!

CUPIDO — Dize, meu bem: quem és tu?

A CARABINA — Eu chamo-me a Carabina...

MERCÚRIO — Não diga o resto, menina:
A Carabina Chuchu.

CUPIDO — Tem um rosto em nada feio...

A CARABINA — Isto são partes, ioiô...

MERCÚRIO — Menina, de onde é que veio?

A CARABINA — Cheguem-se a mim sem receio,
Pois carregada não estou. (Os dois se aproximam.)

Copla

Eu nasci na terra
Do vatapá;
Outra arma de guerra
Como eu não há.
Quando se dispara,
Por Belzebu!
Faz tremer a cara-
Bina Chuchu.

Vou matar a todo mundo!
Todo mundo vou matar!
Trinta tiros por segundo
Sem descanso posso dar!

Os TRÊS — Vou }
Vai } matar a todo mundo!

Etc. etc. (A Carabina sai.)

O CANDIDATO (Entrando pelo lado oposto.) — Mentira! não estou eleito! anularam ainda uma vez! Que desgraça! Que desgraça e que patifaria! (Sai.)

MERCÚRIO — Se este tipo ainda me aparece, mando-o para o Hospício.

CENA V

MERCÚRIO, CUPIDO, PERNINHA, depois uma malta de capoeiras, depois outra

PERNINHA — Os senhores não estão bem aqui...

MERCÚRIO — Por quê?

PERNINHA — Vai haver batalha entre nagoas e guaiamus.

CUPIDO — Ah! o senhor é...

PERNINHA — Guaiamu legítimo e chefe de malta. Nós costumamos a funcionar de noite... hoje viemos de *menhã* cedo por causa dos grilos... (A cena vai se enchendo de capoeiras, que entram com precaução.) Há dois dias que a bandeirinha encarnada *frutua* no fio de telefone. Vamos entrar bonito no passo do constrangimento. (Mostrando os capoeiras.) Olhe.

MERCÚRIO (A Cupido.) — Vão encontrar-se peito a peito os dois partidos militantes que mais importância têm na política deste país: o nagoa e o guaiamu. Acho prudente nos retirarmos.

CUPIDO — Prudentíssimo. (Cumprimentam ambos respeitosamente o Perninha.) Cavalheiro...

MERCÚRIO — Sempre ao dispor de Vossa Senhoria. (O Perninha cumprimenta-os com ar de proteção. Baixo a Cupido.) Nada! é preciso tratá-los com muita consideração e respeito: são os donos da terra!

(Saem Mercúrio e Cupido. Os capoeiras descem formados ao proscênio.)

CORO — Cautela! cautela!
Prestai atenção!
Que os nagoas na esparrela
Bem depressa cairão!
Preparemos a navalha!
Haja toda a precaução!
Vai haver grande batalha!
Vai haver grande função!

PERNINHA — Quando eu entro de maçada,
Ai do *degas* mais pimpão!
Tome a bela cabeçada,
Vá apanhar terra no chão! (*Repetição do coro.*)

PERNINHA — Os nagoas! Atenção! Fogo!

(*Entra outra malta de capoeiras e atraca-se com a que está em cena. Grande conflito. Mutação.*)

Quadro 6

Sala pobre. Ao fundo uma rótula que dá para a rua.

CENA I

MANDUCA, o PORTEIRO, o BARBADINHO, depois MARICOTA, ZEFA, mais tarde o PERNINHA, OLHO-VIVO, MATA-LOGO, FURÃO, capoeiras, jogadores

MANDUCA (*Entrando e dirigindo-se ao porteiro que está à rótula.*) — Então, seu compadre, os *homes* vêm ou não?

O PORTEIRO — O Perninha agora mesmo passou por aqui, e disse que não se demorava com a rapaziada.

O BARBADINHO (*Entrando.*) — Ora viva, seu Manduca! A troça vem aí... O Olho-vivo, o Mata-logo, o Furão... Tudo quanto é gente de canela desempenada!

MANDUCA — *Bravotes!* O *visprinha* vai está quente!

O BARBADINHO — Eu estava ali no Largo de São Domingos, e logo que vi que havia *infruença* de maçada, rodei e vim cá no beco.

MANDUCA (*Chamando.*) — Zefa! Maricota!

ZEFA (*Entrando.*) — Que é, seu Manduca?

MARICOTA (*Entrando.*) — Que modos de *gritá!* Está pegando fogo na casa?

MANDUCA — É que vamos ter hoje muita freguesia. É preciso ter tudo pronto.

ZEFA — Já botei as *coleções* todas na mesa.

MARICOTA — Eu também já preparei tudo para o café.

MANDUCA — Vê lá como tiras os números. Há dois dias que a casa está caipora. É preciso *desforrá!*

MARICOTA — Quando o Furão fica ao pé da gente, não se pode fazer uma esperteza.

ZEFA — O diabo do *home* é vivo como quê!

MARICOTA — Mas hoje me assento do outro lado, deixa está.

O PORTEIRO — Lá vêm eles! (*Entram ruidosamente os personagens já mencionados.*)

CORO — Viva a bela rapaziada,
Sempre alegre e jovial!
Viva o jogo! não há nada
Que lhe possa ser igual!
Ele causa-nos delícia!
Faz a gente palpitar!
Leve o diabo a tal polícia!
Vamos lá! Toca a jogar!

OLHO-VIVO — Ora viva a siá Zefa e a siá Maricota!

FURÃO — Ó Manduca! como vai essa bizarria?

ZEFA — Uma sua criada, seu *Armeida*.

PERNINHA — Pode chamar Perninha... Chame pelo vulgo, que eu cá não me espevito.

MANDUCA — Então vamos à obra?

PERNINHA — Isso! vamos cá no serviço, que logo temos reunião de *maçada* no Largo da Carioca.

MANDUCA — Pra quê?

OLHO-VIVO — Pois você não viu a fita? Os *nagoa* estão nos provocando.

FURÃO — E os *guaiamus* hão *dem* mostrar pra quanto *presta!* Ou bem que *semos* ou bem que não *semos!*

MARICOTA (*A Olho-vivo.*) — Veja lá, seu aquele; olhe alguma navalhada. Eu não sei pra que vocês hão de estar sempre com estas enticações. Que gente levada!

O BARBADINHO — Está bom, basta, que *preciso* *arranjá* umas *pelega*.

FURÃO — E eu! Toda a minha fortuna são dois mil *bodes*.

OLHO-VIVO — Vamos! Olha esses *nicolau!*

TODOS — Vamos! (*Saem repetindo o coro.*)

CENA II

FONSECA, FRIVOLINA, *vestida de homem; depois um EMBUÇADO*

FRIVOLINA — Cá estamos nós numa casa de jogo de terceira classe.

FONSECA — Vê lá em que me metes. Isto aqui não me cheira bem, e o filho de meu pai não nasceu para andar por espeluncas.

FRIVOLINA — Nada receies.

FONSECA — Mas tu falaste em terceira classe; há então casas de jogo de primeira e segunda classe?

(Deste momento até o final da cena IV ouve-se a voz de Manduca apregoando os números, e de vez em quando com os termos da respectiva giria; ouvem-se também os comentários dos jogadores.)

FONSECA — Hein?

FRIVOLINA — Não faças caso: principiou o víspera. As casas de jogo de primeira classe, só vai uma certa roda... e só vai uma roda certa... Conselheiros, diplomatas, generais, negociantes de grosso trato, titulares. Nas de segunda classe, a sociedade é mais variada: há de tudo como na botica.

FONSECA — E a polícia?

FRIVOLINA — A polícia de vez em quando aparece na segunda e terceira classe, mas os jogadores pagam a multa, e no dia seguinte recomeça a vidinha.

FONSECA — Então as casas de terceira classe?...

FRIVOLINA — Ah! nestas a sociedade é de outra espécie, vais ver... Entretanto, também aqui... *(Vendo o Embuçado, que entra cautelosamente.)* Olha! Falai no mau...

O EMBUÇADO *(Aproximando-se, com muito mistério, de Frivolina, a meia voz.)* — Já começou?

FRIVOLINA *(Arremedando-o.)* — Já. *(O Embuçado sai com as mesmas cautelas.)*

FONSECA *(Intrigado.)* — Quem é? *(Frivolina diz-lho ao ouvido.)* Oh! Isso é lá possível!... Um homem tão sério! E naquela posição!... Pois Sua Excelência não tem onde jogar senão aqui?

FRIVOLINA — Que queres? É um figurão que tem a nostalgia da espelunca. Tens medo de ir lá dentro?

FONSECA — Confesso que...

FRIVOLINA — Nesse caso, espera-me aqui... Vou ver se a freguesia está animada. Se não houver perigo, virei buscar-te. *(Sai.)*

CENA III

FONSECA, *depois um CAVALHEIRO*

FONSECA — Pois, sim, senhores... a tal Frivolina conhece o Rio de Janeiro melhor do que eu!... *(Passeia no proscênio.)*

O CAVALHEIRO *(Entrando.)* — Apanho-o a jeito... Vi-o entrar... Tem cara de simplório...

FONSECA *(Reparando.)* — Quem será este sujeito?

O CAVALHEIRO — Parece-me que me enganei, meu senhor... Não mora aqui o vigário da freguesia?

FONSECA — Parece-me que não... Estou aqui à espera de um amigo... *(À parte.)* Dar-se-á caso que o vigário também jogue o víspera?

O CAVALHEIRO *(Ouvindo apregoar os números.)* Que é isto?

FONSECA — Estamos numa casa de jogo de terceira classe!

O CAVALHEIRO *(Fingindo-se admirado e indignado.)* — Oh!...

FONSECA — Mas não me julgue mal... Estou aqui apenas como observador... Ando a procurar elementos para uma revista.

O CAVALHEIRO — Ah! Vossa Senhoria é escritor?

FONSECA — Por incidente.

O CAVALHEIRO *(À parte.)* — Por incidente... É tolo! cai como um patinho...

FONSECA — Como diz?

O CAVALHEIRO — Estou num grande embaraço. Estimei muito encontrá-lo.

FONSECA — Ah!

O CAVALHEIRO — Vossa Senhoria tem cara de boa pessoa.

FONSECA — Obrigado.

O CAVALHEIRO — Parece-me homem de bem.

FONSECA — Obrigadíssimo. *(À parte.)* É muito delicado!

O CAVALHEIRO — E vai prestar-me um serviço... Oh! mas um serviço que jamais esquecerei.

FONSECA — Mas eu não o conheço...

O CAVALHEIRO — Os homens honestos conhecem-se sempre.

FONSECA — Trata-se então?...

O CAVALHEIRO — Eu tenho um tio, que há quinze dias entregou a alma ao Criador.

FONSECA — Então não tem: tinha.

O CAVALHEIRO — Tinha.

FONSECA — Aceite os meus pêsames.

O CAVALHEIRO — Meu tio fez testamento e nomeou-me testamenteiro.

FONSECA — Aceite os meus parabéns.

O CAVALHEIRO — Entre os legados que tenho de entregar, figuram dois contos de réis para o Recolhimento das Órfãs.

FONSECA — Ah!

O CAVALHEIRO — Acabo há pouco de chegar, e o Recolhimento já está fechado. Que hei de fazer?

FONSECA — Irá amanhã.

O CAVALHEIRO — Amanhã... Mas não vê, senhor, que nesta cidade há tanto gatuno... e eu estou num hotel meio cangueiro.

FONSECA — Tem razão... o Rio de Janeiro anda infestado de gatunos.

O CAVALHEIRO — Cada um, meu senhor! Tenho medo de guardar comigo todo este dinheiro. (*Tira do bolso um embrulho.*) Por isso queria deixá-lo na mão do vigário da freguesia... Olhe, faça-me um favor: conserve este dinheiro até amanhã.

FONSECA — Mas...

O CAVALHEIRO — Guarde o dinheiro de meu tio. (*Quer dar-lhe à força o embrulho.*)

FONSECA — Mas o senhor não me conhece!

O CAVALHEIRO — Que é da sua carteira?

FONSECA — Por quê? Aqui está.

O CAVALHEIRO — Quero juntar tudo, para obrigá-lo a tomar mais cuidado com o embrulho. (*Toma a carteira e finge metê-la no embrulho, mas guarda-a no bolso, de modo que o espectador veja.*)

FONSECA — Embrulhe com cuidado.

O CAVALHEIRO — Ah! fique descansado. Ninguém lhe porá a vista em cima. Eu para estas coisas sou artista.

FONSECA — Não sei como agradecer tal prova de confiança.

O CAVALHEIRO — Oh! não há de quê... Pronto! (*Dá-lhe o embrulho.*) Agora, adeus, até amanhã... (*Sai apressado.*)

FONSECA — Mas, olhe... deixe lhe dizer onde me poderá encontrar amanhã.

A VOZ DO CAVALHEIRO — Lembranças à família.

FONSECA — Ora aqui está... Se eu fosse um tratante...

CENA IV

FONSECA, FRIVOLINA

FRIVOLINA — Vem... há lá dentro cinco ou seis desordeiros apenas.

FONSECA — Cinco ou seis! irra! lá não vou! Então agora que tenho aqui (*Mostra o embrulho.*) dois contos de réis que um cavalheiro me encarregou de guardar.

FRIVOLINA — Tu dizes? Neste embrulho? Deixa ver! Oh! pateta, foste roubado! Aqui só estão pedaços de jornais!...

FONSECA — Mas foi um cavalheiro...

FRIVOLINA — De indústria.

FONSECA — Embrulhou a minha carteira.

FRIVOLINA — Embrulhou-te a ti! Que é da carteira? Olha! Vê!...

FONSECA — Roubado! fui roubado!... Tinha dentro cento e cinqüenta mil réis!

FRIVOLINA — Com efeito! você, um cidadão da Rua do Ouvidor, um rapaz inteligente, vítima do conto do vigário!...

FONSECA — Corramos! Talvez que ainda o encontremos! (*Sai correndo e apitando.*)

FRIVOLINA — Pois sim! pois sim!... (*Sai a correr.*)

CENA V

O PORTEIRO, MANDUCA, BARBADINHO, [*depois ZEFA*]

(*Entram os três muito assustados.*)

O PORTEIRO — Que é isto?

MANDUCA — Apitaram!

BARBADINHO — O grilo... Eu bem ouvi!

MANDUCA (*Ao Porteiro.*) — Tu, se hás de estar à porta, estás mirando o jogo! Vai para a porta, anda!

BARBADINHO — Vamos, que já tenho quadras!

ZEFA (*Dentro.*) — Anda, gente!...

MANDUCA — Vamos! (*Sai com o Barbadinho. O Porteiro vai para a rótula.*)

O PORTEIRO (*Para a rua.*) — Psiu! psiu! Entra, freguês! O vispra está quente! (*Pausa.*) Ó moço, não quer entrar?... Ui! que lá vem o subdelegado com os secretas! (*Dá um assobio especial.*) A canoa!

CENA VI

[MANDUCA], o PORTEIRO, os JOGADORES, depois o SUBDELEGADO e dois SECRETAS

MANDUCA — É? é?

O PORTEIRO — É. A rua está assim de secretas!

MANDUCA — Salve-se quem puder!

(*Três dos jogadores têm carregado os objetos próprios ao jogo. Entram o Subdelegado e as praças, que perseguem os jogadores; estes escapam por toda parte. O Subdelegado sai um momento e traz pelo braço o Embuçado.*)

O SUBDELEGADO — Ah! sempre consegui prender um... O senhor tem que dar quatro mil réis de multa. (*Reconhecendo-o.*) Oh!... era Vossa Excelência! Desculpe... queira desculpar... (*Gesto do Embuçado como quem diz "Esteja descansado".*) Vamos... saiamos daqui de braço dado... (*Chegam à porta.*) Primeiro Vossa Excelência... (*Sai o Embuçado depois de algumas cerimônias.*) Quem diria? (*Sai. Mutação.*)

Quadro 7

Um trecho da Praça d'Aclamação. Ao fundo, em perspectiva, a Rua do Senhor dos Passos.)

CENA I

DOM BASÍLIO, depois MERCÚRIO e CUPIDO, depois um VIAJANTE

(*Ao erguer-se o pano, a cena está vazia. Dom Basílio entra misteriosamente, representado por uma criança. Aproxima-se do proscênio.*)

DOM BASÍLIO — Eu sou a calúnia ousada...
Há dois minutos nasci...
Mas fiz tanta matinada,
Que em dois minutos cresci!

(*Sai misteriosamente, como entrou.*)

MERCÚRIO (*Entrando, acompanhado por Cupido.*) — Bom! cá estamos na Praça d'Aclamação... É este o lugar convencionado.

CUPIDO — Mas, afinal de contas, que vimos fazer aqui?

MERCÚRIO — Eu te digo: o Doutor José Telha tenciona dotar esta cidade com uma grande rua, no gosto da de Rivoli, de Paris.

CUPIDO — Deveras? Como?

MERCÚRIO — Alargando esta rua, que é a do Senhor dos Passos, e levando-a até a de Primeiro de Março.

CUPIDO — Oh! mas esse homem é um Lesseps!

MERCÚRIO — Estive ontem com ele... Ficou de aqui estar às seis horas. (*Consultando o relógio.*) Faltam alguns minutos. O Doutor José Telha vai indicar-me os melhoramentos que pretende fazer. (*Olhando para o bastidor.*) Mas não me engano... é ele...

CUPIDO — O Telha?

MERCÚRIO — Não; o famoso árbitro que volta da outra banda. Não viste representar *O Bilontra*?

CUPIDO — Vi.

MERCÚRIO — Nesse caso, reconhecê-lo-ás. (*Indo ao encontro do Viajante que entra, vestido à moda do Chile e carregando uma mala.*) Já de volta, Excelentíssimo?

O VIAJANTE — É verdade.

CUPIDO — E pode dizer-nos qual foi o resultado de sua comissão?

O VIAJANTE (*Depois de certificar-se de que estão sós, chama misteriosamente os dois ao proscênio e diz-lhes muito baixinho.*) — É segredo.

OS DOIS — Ah!

CUPIDO — Mas que diabo! conte-nos alguma coisa da viagem.

O VIAJANTE — Lá vai! Os senhores já estão fartos de saber que...

Coplas

(*Música de Gomes Cardim.*)

I

Dois tipos, muito amigos,
Se encheram de razões,
Tornaram-se inimigos.
Trocaram cachações... (*Interrompendo-se.*)

Pois ouçam o resto: *(Continuando.)*

Mandaram-me depressa
Dar ponto à tal questão,
E vou dar conta dessa
Honrosa comissão.

Teve a briga um fim?
Pode ser que sim...
Dei ponto à questão?
Pode ser que não...

II

Cheguei-me aos contendores
Assim, com certo ar,
E disse: meus senhores,
Já basta de brigar!
Os tipos se abraçaram!
Fui muito perspicaz,
Pois ambos lá ficaram
Vivendo em doce paz.

Teve a briga um fim? etc.

Bom. Passem bem, que tenho mais que fazer. *(Sai.)*

CENA II

MERCÚRIO, CUPIDO, DOM BASÍLIO, *depois três marinheiros, povo, depois outra vez* DOM BASÍLIO [*e um SUJEITO*]

CUPIDO — Coitado! O sacrifício que foi fazer este homem!...

DOM BASÍLIO *(Entrando, representado por outra criança maior que a primeira.)*

— Eu sou a calúnia ousada:
Há dez minutos nasci...
Mas fiz tanta matinada,
Quem em dez minutos cresci! *(Sai.)*

MERCÚRIO — Que pretenderá este morcego dizer na sua?

CUPIDO — Dá cá o ouvido. *(Diz-lhe alguma em segredo.)*

MERCÚRIO — Oh!...

CUPIDO — Calúnia, pura calúnia!

MERCÚRIO — Pura? Impura digo eu!

CUPIDO — Os Dons Basílios pululam nesta terra! Aquele fedelho, que acaba de passar, há de crescer tanto e com tal rapidez, que daqui a uma hora, se o encontrares, não o reconhecerás.

MERCÚRIO — É a célebre tirada de Beaumarchais posta em ação.

(Entram pessoas do povo perseguindo três marinheiros que levam as mãos ao ventre e agacham-se. Entre as pessoas do povo vem um Sujeito que protesta contra tal perseguição.)

CORO — Fora! Fora!
Vão embora!
É partir,
É fugir,
Sem tugar,
Nem mugir!
Fora! Fora!
Sem demora!...

O SUJEITO *(Protestando.)* — Súcia de tolos! cambada de idiotas!

MERCÚRIO *(Agarrando-o pelo fato, enquanto os marinheiros e o povo desaparecem.)* — Que é isto?

O SUJEITO — Uns pobres marinheiros que desembarcaram de seu navio e caíram na grande asneira de comer chucrute...¹ Pois bem: esses filhos do mar apanharam umas senhoras cólicas... e uma indigestão, que não lhes digo nada. De mais a mais, não entendem patavina do português. Toda aquela gente supõe que os pobres diabos estão atacados do cólera, e quer obrigá-los a ir para bordo imediatamente!

MERCÚRIO — E não há polícia... Nem ao menos aparece aqui um secreta...

O SUJEITO — Ah! eles precisavam, realmente, disso... mas do gênero feminino. Súcia de idiotas!... *(Sai.)*

CUPIDO — Na verdade, é caso para ficar colérico, quem mesmo não tenha o cólera.

MERCÚRIO — Olha, olha outra vez o tipo!

DOM BASÍLIO *(Entra, desta vez representado por um homem baixo.)*

— Eu sou a calúnia ousada...
Há um quarto de hora nasci...
Mas fiz tanta matinada,
Que deste modo cresci! *(Sai.)*

MERCÚRIO — Oh! Senhor! este diabo é de borracha!

CUPIDO — Ainda o havemos de ver do tamanho da Candelária!

1. 1887: choucroute

CENA III

Os MESMOS, um MATUTO DO PIAUÍ, depois uma TURCA com duas crianças, depois DOM BASÍLIO, depois o DOUTOR JOSÉ TELHA

(O Matuto, descalço, com as calças arregaçadas, a camisa por fora das calças, na cabeça um grande chapéu de carnaúba, trouxa pendente de um pau que traz ao ombro, e de cachimbo, entra, cantando sem música.)

O MATUTO — Quem quisé sabê meu fama,
Vá falá com Mané Lope;
Não há preto que não minta
Nem cavalo que não tope.

CUPIDO — Quem será este bípede?

O MATUTO — Ora Deus Nosso Senhor lhe dê muito boas tarde, seus cadete... Uí! tou cansadinho, tou. (Senta-se no chão, cruzando as pernas, e canta.)

— Não me prenda, seu sordado;
Não me leve pro quarté;
Eu não vim fazê baruío,
Vim buscá minha muié!

MERCÚRIO — Não é um homem, é um vodevile.¹

O MATUTO — Faça mecês uma pequenina idéia: vim a pé do Piauí até o Rio de Janeiro!

CUPIDO — Safa!

MERCÚRIO — Já é!

O MATUTO — Vim cantando por todo esse caminho véio!
(Canta.)

Cando estou no meu sossego,
Na minha tranqüilidade,
Vejo casa virá mato
E mato virá cidade.

— Cheguei indagorinha memo.

CUPIDO — Por quê não veio por mar?

O MATUTO — Deixa de besteira, moço! Pois se eu vim arrepresentá contra um estradeiro que me furtou uma vaca... Se eu pegasse a viagem, gastava mais do que o preço da dita vaca... Vim a pé e a pé hei de vortá!... Quando eu saí de casa, botei um verso à minha dona... (Canta.)

1. 1887: vaudeville

Minha dona companheira
Não adimétas ninguém;
Espera, tem paciência,
Que eu memo serei teu bem!

— Mas não tenho tempo a perdê... Vou na casa do Bispo... Já me dixeram que é por ali que a gente vai. (Levanta-se.)

MERCÚRIO — Do Bispo? Que tem você com o Bispo?

O MATUTO — Apois! Cando eu me queixei ao persidente da porvincia, ele nem cumo coisa! Antão eu dixei a ele que vinha no Rio de Janeiro... Vai ele pegou me dixei: Vá, e queixe-se ao Bispo!

CUPIDO — Pobre homem! anda à procura de um fantasma: a justiça!

MERCÚRIO — Olhe, vá por ali... mas é um pouco longe... tome o bonde.

O MATUTO — O bondes... Ora vou-te, seu compadre! Que endivido besta! Pois um home que veio a pé do Piauí... Eh! eh! eh! (Saindo a cantar.)

Adeus, gente que se fica:

Eu me vou pra outra banda...

Vou recramá minha vaca:

Quem quer vai quem não quer manda.

(Perde-se ao longe a voz do Matuto, que sai. Entra uma Turca maltrapilha, com uma criança ao colo e outra pela mão, e aproxima-se de Mercúrio e Cupido.)

A TURCA — Una esmola, senhore... una esmolita!

OS DOIS — Vá embora! vá trabalhar!

A TURCA — Una esmola... Tengo quatre filhe... Una desgracia! Esmolita... esmolita...

OS DOIS — Não nos persiga! Oh!...

A TURCA (Insistindo.) — Pietá, senhore... Una esmola per l'amor de Dios! (Choramando.) Sono dolente!

OS DOIS (Irritados.) — Desapareça com todos os diabos! (Empurram a Turca, que sai chorando.)

MERCÚRIO — Aí está um abuso para que a policia devia olhar. Dizem-me que estas pobres mulheres são vítimas de uma torpe especulação: há nesta cidade quem mande contratá-las exclusivamente para exercerem a profissão de mendigas!

CUPIDO — Nova espécie de castigo... (*Vendo entrar Dom Basílio, que é desta vez representado por um homem muito alto.*) Oh!...

DOM BASÍLIO — Eu sou a calúnia ousada...
Há meia hora nasci...
Mas fiz tanta matizada,
Que deste modo cresci! (*Sai.*)

CUPIDO — Vai tomando proporções assustadoras!

MERCÚRIO — E do Doutor José Telha, nem novas nem mandados!

DOCTOR JOSÉ TELHA (*Entrando.*) — Engana-se: cá estou!

MERCÚRIO (*Apertando-lhe a mão.*) — Ah! julguei que não aparecesse!

DOCTOR JOSÉ TELHA — Por mais que quisesse, não me foi possível vir mais cedo: tive um duelo!

OS DOIS — Um duelo?!

DOCTOR JOSÉ TELHA — Pois ainda isso não lhe chegou aos ouvidos? Já toda a cidade está cheia!

MERCÚRIO — Sim? Mas como foi isso? Conte-nos!

DOCTOR JOSÉ TELHA — Lá vai. *Recita com acompanhamento na orquestra.*

Certo vizinho meu muito peludo
Disse-me tudo; eu respondi-lhe bem.
A discussão, meus filhos, azedou-se...
Ele zangou-se e eu me zanguei também.
Chegou, enfim, a coisa a certo ponto
E eu vi-me tonto para responder.
Não tinha um termo enérgico bastante...
Em semelhante apuro que fazer?
— “Henrique, disse ao meu melhor amigo,
Conto contigo nesta entalção!
Que do vizinho o insulto assim não fique!
Pede-lhe, Henrique, uma satisfação!”
— “Se não ma der?” — “Meu filho, em tais extremos,
Bater-nos-emos seja como for!
Seja qual for o ferro com que se arme,
Há de encontrar-me sempre ao seu dispor!”
Ele aceitou o desafio, e eu, fogo!
Mandei-lhe logo as testemunhas, — bum!
Sem que a polícia em nada se metesse,
A coisa fez-se sem transtorno algum.
As testemunhas falam-se... ruminam...
Pensam... combinam... vão e vêm... vêm... vão. ..

Berram... discutem... mil questões agitam...
E tanto gritam que de acordo estão.
Hoje pela manhã meu testamento
Eu num momento por prudência fiz;
E despedi-me dos rapazes, tontos,
Visto que os pontos nunca pus nos *is*.
Chegando ao cais chamado dos Mineiros,
Os companheiros encontrei; parti;
Como presa de indômitos cíclopes
Sebastianóp'lis afastar-se vi.
Desembarcamos numa bela ilha...
Que maravilha!... só respira amor!...
De grandes pedras e areais cercada...
Toda enfeitada de arvoredos em flor...
Os padrinhos as armas examinam
E determinam tudo, enquanto nós,
Os combatentes, para os lados vamos,
Onde aguardamos do combate a voz.
Um dos padrinhos, certo italiano,
Ex-capitão, só dizia assim:
— “*I rivale daranno molte tire
Fino morire uno¹ dei due.*” Pois sim!
Dão-me a pistola. Estou em guarda. Aponto.
Um! dois! três! Pronto!

CUPIDO — Disparou?

MERCÚRIO — Matou?

DOCTOR JOSÉ TELHA

— Qual matei nem matei! Deixa-me, filho!
Puxo o gatilho em vão!

MERCÚRIO e CUPIDO — Falhou?

DOCTOR JOSÉ TELHA — falhou!...

Ao longe foi perder-se a bala inimiga
Que esta barriga atravessar não quis...
Eis como o duelo foi levado a efeito!
'Stou satisfeito porque fui feliz.

— Bem! E não é que é noite? (*A cena tem escurecido aos poucos.*) Embora! Tratemos de percorrer a Rua do Senhor dos Passos. (*Olhando para fora.*) Oh! mas que é aquilo?

MERCÚRIO — Uma *marche aux flambeaux!*¹

CUPIDO — Não sei o que possa ser!

1. 1887: *une*

1. Trad.: procissão com tochas

CENA IV

MERCÚRIO, CUPIDO, DOUTOR JOSÉ TELHA, a CIDADE DO RIO DE JANEIRO, a MUNICIPALIDADE, a COMPANHIA DO GÁS, a EMPRESA GARI, as COMPANHIAS DE BONDES, a COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DA CIDADE (*três indivíduos*), o CORPO DE BOMBEIROS, a CITY IMPROVEMENTS, a COMPANHIA TELEFÔNICA, a ESTRADA DE FERRO, a LIMPEZA DAS PRAIAS, a REMOÇÃO DO LIXO, o ABASTECIMENTO DAS ÁGUAS, POVO

(A Cidade do Rio de Janeiro entra, carregada num palanquim alegórico, ao som de uma marcha executada pela orquestra. Cada um dos personagens que a precedem traz na mão uma vara no topo da qual está preso um balão chinês iluminado.)

MERCÚRIO (*À Cidade, que desce do palanquim.*) — Oh! dize-me quem és, anjo, mulher, beldade!

A CIDADE — Eu sou a capital do Império Brasileiro!

MERCÚRIO — Que ouço!

DOUTOR JOSÉ TELHA — Pois esta é a muito heróica e leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro?

MERCÚRIO (*Baixo, a Cupido.*) — Safemo-nos sorrateiramente. Tenho uma idéia de truz para terminar o ato.

CUPIDO — Vá lá. (*Saem os dois.*)

A CIDADE (*Vindo ao proscênio.*)

— Eu agradeço à natureza
Que me fadou prodigamente;
Fez-me um prodígio de beleza,
Bela entre as belas certamente.
Não lhe agradando o paraíso,
Quis Deus um novo dar ao mundo:
Teve um angélico sorriso
E me arrancou do caos profundo.
Deu-me essa eterna primavera
Que tão simpática me torna,
Este calor que me tempera
E a cordilheira que me adorna.

Mas, se por Deus eu fui assim dotada,
Os homens, esses não me deram nada!

(*Dirigindo-se ao Doutor José Telha.*)

Que aqui estava de saber
Acabo: venho, por isso,
Agradecer o serviço
Que tu me esperas fazer.

DOUTOR JOSÉ TELHA

— Sinhá, você me confunde.
Que me agradeça não quero,
Porque tal serviço espero
Que em meu proveito redunde.
Mas, uma vez que é tamanha
A sua amabilidade,
Diga quem é, por bondade,
Esta gente que a acompanha.

A CIDADE

— São meus leais servidores
E meus melhores amigos,
Uns novos... outros antigos...

DOUTOR JOSÉ TELHA (*Cumprimentando.*)

— Minhas senhoras... senhores...

A CIDADE (*Tomando a Municipalidade pela mão e apresentando-a.*)

A MUNICIPALIDADE (*Abraçando a Cidade.*)

— Ai, filha! como te adoro!
Noite e dia aos céus imploro
A tua prosperidade.

A CIDADE (*Baixo ao Doutor José Telha.*)

— Não creias... Hipocrisias...
Mentiras...

DOUTOR JOSÉ TELHA (*Baixo.*) — A quem o diz...

A MUNICIPALIDADE

— Ver-te formosa e feliz
Desejo todos os dias.

(*Beija-a e vai para o seu lugar.*)

A CIDADE (*Baixo ao Doutor.*)

— Um beijo não me persuade,
Pois a quanto erro lhe escapa
Eu sirvo sempre de capa.

DOUTOR JOSÉ TELHA

— És uma capa cidade.

A MUNICIPALIDADE (*À Companhia do Gás.*)

— Falam de mim?

A COMPANHIA DO GÁS

E não te atiram confeitos...

— Não te iludes...

A CIDADE

— Mas, se tem os seus defeitos,
Possui algumas virtudes.
Por exemplo: o Livro de Ouro...
Os açougues...

DOUTOR JOSÉ TELHA (*Lembrando-se.*)

— Ora espere...

A Rua Filipe Néri...

A CIDADE — Escolas...

DOUTOR JOSÉ TELHA — Do matadouro

A enfermaria...

A CIDADE — Também.

Mas ai, meu Deus! que desmandos
Cometidos assim... (*Gesto.*) aos bandos
Por outro lado não tem!

(*Indo buscar a Companhia do Gás e apresentando-a.*)

A Companhia do Gás...

A COMPANHIA DO GÁS (*Cumprimentando.*)— *Cher docteur...*¹

DOUTOR JOSÉ TELHA — Minha senhora.

A CIDADE

— Tu principias agora:
Como é que me tratarás?

DOUTOR JOSÉ TELHA

— Dizem que andou às pauladas
Com certa gente de teatro...

A COMPANHIA DO GÁS

— Fiz com ela o diabo a quatro:
Não sei de conversas fiadas. (*Vai para o seu lugar.*)

DOUTOR JOSÉ TELHA — Quem mais?

A CIDADE (*Mesmo jogo de cena.*)

— A Empresa Gari

Que as ruas sujas não deixa.
Não há motivo de queixa,
Pelo menos até aqui.

DOUTOR JOSÉ TELHA (*À Empresa Gari.*)

— Eu pelo povo intercedo:
Ordena às vassouras tuas
Que varram mais tarde as ruas,
Que não as varram tão cedo.
Nas ventas e até na boca

1. Trad.: Caro doutor

Tem quem sai dos espetáculos
Outros tantos receptáculos
De pó que infesta e sufoca.

A CIDADE

— Essa queixa é bem cabida.

DOUTOR JOSÉ TELHA

— É justa a reclamação;
Mas isso mesmo é razão
Pra que não seja atendida.

(*A Empresa Gari vai para o seu lugar e a Cidade vai buscar três indivíduos que têm os braços enfiados uns nos outros.*)

A CIDADE

— Deixa apresentar-te a
Comissão de Melhoramentos
da Cidade. (*Baixo.*) Três talentos!

UM DOS INDIVÍDUOS — *Je suis ce Revy que...*¹

DOUTOR JOSÉ TELHA — Bom!

A CIDADE (*Indo buscar as Companhias de Bondes.*)

— De Bondes Empresas são. (*Abraçando a Vila Isabel.*)

Nesta um abraço apertado!

DOUTOR JOSÉ TELHA — Por quê?

A CIDADE — Por ter adotado

Passagens a meitostão.
Aqui tens a Telefônica:
Presta serviços... às vezes.

DOUTOR JOSÉ TELHA

— Mas serve mal aos fregueses
E a sua inépcia é crônica.
Quem conversar tencione
Com alguém lá da Lagoa,
Alugue um tílbur à toa:
Não recorra ao telefone.

A CIDADE

— Este é o Corpo de Bombeiros,
Minha glória... meu troféu.

DOUTOR JOSÉ TELHA

— Eu tiro-lhe o meu chapéu:
É primeiro entre os primeiros!
E não há quem não lhe teça

1. Trad.: Eu sou este Revy que

De encômios vastos compêndios;
 Pois se ele chega aos incêndios
 Antes que o fogo apareça!...

A CIDADE

— Torna-se a cena excessivamente comprida;
 assim pois,
 Apresento-te depois
 O resto da comitiva.

CENA V

Os MESMOS, MERCÚRIO, depois CRIoulos e CRIoulas,
 depois FRIVOLINA

MERCÚRIO (*Entrando a correr.*) — Doutor! Doutor!...

DOUTOR JOSÉ TELHA — Que é? que é?

MERCÚRIO — Uma grande notícia: achei o jongo!

DOUTOR JOSÉ TELHA — O jongo?

MERCÚRIO — É cá uma coisa... Como sabe, a Rua do Senhor dos Passos é a rua dos zungus... há ali um criou-lame que nunca mais se acaba! Fui de porta em porta fazer uma propaganda.

DOUTOR JOSÉ TELHA — Abolicionista?

MERCÚRIO — Quem lhe fala em abolicionismo? Estavam todos escamados com a idéia de que a Rua do Senhor dos Passos ia desaparecer; convenci-os, porém, de que se trata de um melhoramento, e vêm todos à sua presença cantar um jongo alusivo.

DOUTOR JOSÉ TELHA — Bravo!

MERCÚRIO — Ei-los que chegam! (*Entram os pretos, que cantam e dançam o jongo.*)

Jongo

(*Música de Abdon Milanês.*)

A rua de nosso turo
 Vai bem bonita ficá:
 Casa véia no monturo
 Sinhô moço vai deitá.
 Ah! huê!

Ah! huá!
 A rua dos preto jê vai se acabá!
 Oculelé!
 Ocubabá!...

(*Continua a música em surdina na orquestra. Entra Frivolina, vestida como no primeiro quadro.*)

FRIVOLINA — Agora eu, a fada Frivolina!

TODOS — A fada Frivolina!

FRIVOLINA — Com o poder maravilhoso de que disponho, e só com o auxílio desta varinha de condão, vou mostrar-vos a projetada rua, tal qual há de ficar no futuro.

MERCÚRIO — Que esse futuro não seja muito remoto, é o que todos desejamos.

FRIVOLINA — Um! dois! três! Mutaçãõ! (*A cena transforma-se.*)

Quadro 8

O teatro representa a futura Avenida da Imprensa. A orquestra executa um trecho majestoso.

(*Cai o pano.*)

ATO TERCEIRO

Quadro 9

Sala de fantasia.

CENA I

MERCÚRIO, CUPIDO

CUPIDO (*Entrando com Mercúrio.*) — Mas é um homem único! Estás então resolvido a ficar no Rio de Janeiro?

MERCÚRIO — Resolvidíssimo... Pelo menos, o mais tempo que me for possível... Mais vale não ser coisa alguma no Rio de Janeiro do que Ministro de Estado no Olimpo... Mercúrio é que não posso ser aqui, se bem que, como mercúrio, poderia ter muita extração.

CUPIDO — E que pretendes ser?

MERCÚRIO — O que é toda a gente: jornalista.

CUPIDO — Cáspite! E estás habilitado?

MERCÚRIO — Habilitado? Julgas então que no Rio de Janeiro a profissão de jornalista é algum bicho de sete cabeças? Valha-te Júpiter! (*Tirando um folheto.*) Olha, cá está o código dos jornalistas. Ouve: (*Lê.*)

“Parágrafo primeiro:

Se acaso és brasileiro,
Declara-te estrangeiro.

Parágrafo segundo:

Mostra-te furibundo

E ofende a¹ todo o mundo.

Parágrafo terceiro:

Embora o derradeiro,

Reputa-te o primeiro.

Quarto: Não é preciso

Que tu tenhas juízo;
Tira o dente do siso.
Quinto: Não é vileza
Tratar com ligeireza
A língua portuguesa.
Sexto: Que não te mace,
Nem mesmo te embarace
A estúpida sintaxe.
Sétimo: Com cinismo
Comete um solecismo
E adota um galicismo.
Oitavo: Impertinente,
Oferece diariamente
Lições a toda gente.
Nono: Se em qualquer arte
Lições quiserem dar-te,
Não vás incomodar-te.
Décimo: Escolhe as tintas
Com que ao mundo te pintas,
Embora ao mundo mintas.”

— Há muitos outros parágrafos, cada qual mais curioso... Num deles, por exemplo, recomenda-se ao jornalista que cumprimente com muita afabilidade, sempre que o encontre na rua, o colega que o ofende e ridiculiza... Noutro parágrafo ensina-se a disfarçar qualquer asneira com o nome de paradoxo... Como vês, o¹ jornalismo fluminense é um mundo especial, que não se rege pelas leis comuns.

CUPIDO — O que vejo é que é muito difícil... não ser jornalista no Rio de Janeiro. Mas onde me trouxeste? Que vem a ser isto?

MERCÚRIO — Este é o lugar onde se reúnem todas as manhãs as folhas diárias, para submeterem-se a exame.

CUPIDO — A exame de sanidade?

MERCÚRIO — A exame de censura... Há dois jornalistas que se arvoraram em censores² dos seus colegas... e que todos os dias manifestam as suas impressões com uma franqueza...

CUPIDO — E uma competência...

MERCÚRIO — Isso não sei. Eles que se meterem nisso, é porque tinham³ confiança nas próprias forças. Ora, como pre-

1. 1887: o o
2. 1887: censores
3. 1887: tinha

tendo ser jornalista, todo o meu desejo é assistir a um desses exames... Creio que haverá muito que aprender. Aí vêm as folhas diárias: vamos para ali... Apreciaremos tudo lá de dentro, sem que nos vejam.

CUPIDO — Vamos! (*Saem.*)

CENA II

JORNAL DO COMMERCIO, GAZETA DE NOTÍCIAS, o PAÍS,
DIÁRIO DE NOTÍCIAS, o RIO DE JANEIRO, a ITÁLIA,
GAZETA DA TARDE, *que entram dançando e cantando*

CORO — As folhas diárias de Sebastianópolis
Dançando em súcia todas aqui estão!
Rialto e o Várias, furibundos críticos,
Letra por letra nos revistarão.

(*Todos os Jornais continuam ainda a dançar por alguns momentos. No fim da música, entram o Doutor Várias e o Doutor Entrelinhas, cada um deles munido de sua palmatória. A do Doutor Várias é enorme; a do Doutor Entrelinhas pequenina.*)

CENA III

OS MESMOS, DOUTOR VÁRIAS, DOUTOR ENTRELINHAS

DOUTOR VÁRIAS (*Terrível.*) — Então que pândega é esta?!

DOUTOR ENTRELINHAS — Silêncio!...

Todos (*Assustados.*) — Oh! (*Colocam-se em linha no proscênio, e na seguinte ordem, a cantar da esquerda para a direita: Jornal do Commercio, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, Gazeta da Tarde, País, A Itália, Gazeta de Notícias.*)

DOUTOR VÁRIAS — Não quero ouvir o mais leve rumor!

DOUTOR ENTRELINHAS — Não quero ouvir voar uma mosca!

DOUTOR VÁRIAS — Ouvir voar! (*Ergue a palmatória.*)

DOUTOR ENTRELINHAS (*Fugindo.*) — Não!

DOUTOR VÁRIAS — Não quer também ver zumbir?!... (*A parte.*) Súcia de ignorantes!

Copla

DOUTOR VÁRIAS — Aqui está o célebre Várias,
Abalizado Doutor,
Das sete folhas diárias
O mais severo censor.

DOUTOR ENTRELINHAS

— Eis o Doutor Entrelinhas!
Todo inteirinho aqui está!
São conhecidas as minhas
Há bi bi bi li tá tá...

AMBOS

— Ha bi bi bi,
Bi bi bi li,
Habilitações, olá!

TODOS

— Há bi bi bi, etc.

DOUTOR VÁRIAS — Silêncio! Vamos proceder ao exame diário. (*Principia o exame. O Doutor Várias à direita, de costas para o público, examina a Gazeta de Notícias, e o Doutor Entrelinhas, à esquerda, examina o Jornal do Commercio.*) Deixem-me ver o que traz a Senhora *Gazeta de Notícias*...

DOUTOR ENTRELINHAS — Deixem-me ver o que traz o Senhor *Jornal do Commercio*...

DOUTOR VÁRIAS — Cá estão os malditos macaquinhos...

DOUTOR ENTRELINHAS — Um bom artigo sobre libertos sexagenários. Este veio direitinho da Secretaria da Agricultura.

DOUTOR VÁRIAS — Entrelinhas...

DOUTOR ENTRELINHAS — Notícias várias...

DOUTOR VÁRIAS (*Erguendo-se furioso.*) — Patife! Dizer isto de mim!

DOUTOR ENTRELINHAS (*Idem.*) — Insolente! semelhante injúria! (*Encontram-se os olhares dos dois, que se cumprimentam afavelmente.*)

DOUTOR VÁRIAS (*Acocorando-se de novo.*) — Chim, chim, chim!

DOUTOR ENTRELINHAS (*Idem.*) — Velho maluco!

DOUTOR VÁRIAS (*Passando à Itália.*) — *L'Itália*... Que diabo! isto está escrito em português ou italiano?

DOUTOR ENTRELINHAS (*Que tem passado ao Diário de Notícias.*) — Como tudo isto é ridículo! Que folha mal feita! Não tem espírito! Oh! meu Deus! e custa tão pouco ter espírito!...

DOUTOR VÁRIAS (*Rindo-se.*) — Ah! ah! ah! Tem muita graça este Flik! (*Passa ao País.*) Política, política e política! E chama-se a isto uma folha neutra!...

DOUTOR ENTRELINHAS (*Que tem passado ao Rio de Janeiro.*) — Que belo artigo! que bem deduzido! Aí está um

jornal que elogio sem reservas... (*À parte.*) Não nos faz sombra.

DOUTOR VÁRIAS (*Passando à Gazeta da Tarde.*) — Hein? *Gazeta da*... Nada! com esta não quero graças! (*Passa ao Rio de Janeiro, e o Doutor Entrelinhas à Gazeta da Tarde.*)

DOUTOR ENTRELINHAS — Cartas de um diplomata... O mais interessante é que lhes dão muitos autores... Mais cedo ou mais tarde se saberá de quem são.

DOUTOR VÁRIAS — Sempre a mesma cantiga... Decididamente a política é coisa muito monótona. (*Passa ao Diário de Notícias.*)

DOUTOR ENTRELINHAS (*Passando ao País.*) — Ah! não!... Este é o País... Tenho ordem do patrão para não mexer com ele... (*Passa à Itália.*)

DOUTOR VÁRIAS — Cá está o herói de palanque.

DOUTOR ENTRELINHAS — Muito engraçada esta *Itália*! (*Ri-se muito.*)

DOUTOR VÁRIAS — Cá está ele a falar de si... sempre a falar de si... Ora, não seria melhor que falasse de mim?

DOUTOR ENTRELINHAS (*Passando à Gazeta de Notícias.*) — Desta não há que dizer... É tudo bom!...

DOUTOR VÁRIAS (*Que tem passado ao Jornal do Commercio.*) — Este só merece elogios. Não traz nada que não seja ouro de lei!... (*Erguem-se ambos.*) Bom! está acabada a revista! (*Com arrogância.*) Vejam se amanhã vêm mais interessantes! (*Sai.*)

DOUTOR ENTRELINHAS — Corrijam-se, senão... (*Mostrando a palmatória.*) Lembrem-se de que eu tenho... (*Canta o estribilho da copla precedente e sai. Mal desaparece o Doutor Entrelinhas, os jornais dispersam-se, suspirando de aliviados.*)

UM DOS JORNAIS — Colegas! vejam quem ali vai!

OUTRO — O *Diário Oficial*!

OUTRO — Tesoura com ele!

TODOS — Vamos! (*Tira cada um uma enorme tesoura e saem todos correndo.*)

CENA IV

MERCÚRIO, CUPIDO, depois a SEMANA, depois a VIDA MODERNA, depois seis POETAS, de casaca, coroa de louros na cabeça e lira debaixo de braço

CUPIDO — Ora boa noite, seu Mercúrio! Grande coisa aprendeu você, não há dúvida! pode limpar a mão à parede!

Os tais censores, faça-me favor! não passam de dois grandes pândegos!

MERCÚRIO — Na verdade, confesso que esperava outra coisa. Decididamente, faça-me jornalista! (*Entra à Semana.*) Olá! quem será esta moçoila?

A SEMANA — Sou a *Semana*, a única folha literária do Brasil.

A VIDA MODERNA (*Entrando.*) — Alto lá! E então eu, a *Vida Moderna*?

A SEMANA — Ora! você acaba de nascer...

A VIDA MODERNA — Mas nasci forte, cheia de vida! Não sou como o *Gryphus* e o *Rataplã*, que estão a morrer do mal de sete dias.

CUPIDO (*Examinando as gravuras da Vida Moderna.*) — Por Castor e Pólux! Que horror!... Tigres... leões... serpentes... cadáveres... mortes... suplícios... combates... Oh!...

A VIDA MODERNA — Pudera! É com todos estes horrores que eu consigo chamar alguma atenção sobre mim. O povo não quer bons versos e muito menos boa prosa. Um homem sem cabeça faz muito mais efeito que uma dúzia de alexandrinos de Luiz Murat.

A SEMANA — Pois eu tenho conseguido chamar a atenção do público sem recorrer a tais horrores. Não viram a minha panelinha do elogio mútuo?

MERCÚRIO e CUPIDO — Não.

A SEMANA — Não?! Pois vou dar-lhes uma amostra da fazenda. (*Chamando para dentro.*) Olá! ó rapazes! (*Entram os seis poetas.*) Eles são muitos... Isto é só para lhes dar uma idéia. Vamos lá! Ferva a panelinha!...

PRIMEIRO POETA (*Ao Segundo.*)

— Poeta e amigo, crê que sou sincero.
Teus versos li... sinto-me arrebatado!
Tu és um grande homem!
Pelo divino Homero,
Correto e transmigrado,
É natural que os pósteros te tomem!

(*Baixo a Mercúrio.*)

Não faz um verso que não² seja errado!

1. 1887: o

2. 1887: que não que não

SEGUNDO POETA (*Ao Primeiro.*)

Herdeiro de Musset, filho das Musas!
Tens uma lira privilegiada!
Que termos novos e que imagens usas!

(*Baixo a Mercúrio.*)

Quer saber tudo, mas não sabe nada!

TERCEIRO POETA (*Ao Quarto.*)

— Li o soneto que há dias compuseste...
Oh! que soneto aquele!

Derrama n'alma um bálsamo celeste! . . .

(*Baixo a Mercúrio.*)

O soneto é bem bom, mas não é dele...

QUARTO POETA (*A Terceiro.*)

— Do meu pobre soneto o brilho empana
Aquele idílio de feição risonha
Que publicaste há tempos na *Semana*.

(*Baixo a Mercúrio.*)

Da nova geração eis a vergonha!

QUINTO POETA (*Ao Sexto.*)

Eu li as tuas *Pérolas e Flores*,
Esse poema ideal dos teus amores!
Tudo quanto fizera Vítor Hugo
Não passa de refugo,
Comparado com tudo quanto fazes!

(*Baixo a Mercúrio.*)

Não há besta maior entre os rapazes!

SEXTO POETA (*Ao Quinto.*)

— Quando os teus versos líricos escreves,
Camões de inveja morde-se no túmulo!
Que versos fluentes... maviosos... leves...

(*Baixo a Mercúrio.*)

Não sabe ao menos português!

A VIDA MODERNA

— É um cúmulo!

MERCÚRIO — De ver a panelinha eu tive ensejo,
E hipócrita reputo-a:

Elogio não vejo: apenas vejo
Descompostura mútua!

PRIMEIRO POETA (*Ao Segundo.*)

— Gênio!

SEGUNDO POETA (*Ao Terceiro.*)

— Ilustre!

TERCEIRO POETA (Ao Quarto.) — Farol!
 QUARTO POETA (Ao Quinto.) — Poeta!
 QUINTO POETA (Ao Sexto.) — Luzeiro!
 SEXTO POETA (Ao Quinto.)
 — Besta! (Sai.)
 QUINTO POETA (Ao¹ Quarto.)
 — Burro! (Sai.)
 QUARTO POETA (Ao Terceiro.) — Camelo! (Sai.)
 TERCEIRO POETA (Ao Segundo.) — Asno! (Sai.)
 SEGUNDO POETA (Ao Primeiro.) — Sendeiro! (Sai.)
 PRIMEIRO POETA (Furioso.)
 — Corja de tolos! corja de idiotas!... (Sai.)
 A SEMANA — Aplaquemos aqueles borra-botas. (Saem.)
 CUPIDO — É tempo de fazermos a revista do movimento teatral do ano! Olha essa mutação! (A cena transforma-se.)

Quadro 10

Floresta. À direita um palácio com este letreiro: Palácio dos Sucessos; à esquerda uma cabana com este outro: Cabana dos fiascos.

CENA I

CUPIDO, MERCÚRIO, depois o REPÓRTER ATTACHÊ²

MERCÚRIO — Que vem a ser isto?
 CUPIDO — A floresta da arte dramática.
 MERCÚRIO — A floresta? Nesse caso só temos a Fênix!
 CUPIDO — Cala-te; não digas asneiras.

Rondó-valsa

Tempo feliz foi o de outrora;
 Brilhante aurora
 Aqui raiou:
 Houve uma luz prometedora,
 Mas sem demora,
 Tudo acabou!
 Já sem vigor, morto na lama

1. 1887: as

2. Trad.: repórter vinculado, escalado exclusivamente para tal fim.

O belo drama,
 Coitado! está!
 Ó teatro, estás bem aviado
 Neste reinado
 Do tra-lá-lá!

MERCÚRIO — Ai vem¹ alguém.

O REPÓRTER (Entra com papel, lápis na mão e um foquete debaixo do braço.) — Ela aí vem! Ela aí vem!...

Os DOIS — Quem?!

O REPÓRTER — A grande, a incomparável Sarah!... Estou arrebatado!...

CUPIDO — E quem é o senhor?

O REPÓRTER — Quem sou eu?

Rondó

(Música de Abdon Milanês.)

Quem me vê

Logo vê

Que

Sou reporter attaché

Sujeito chique e inteligente

Fui contratado especialmente

Pra acompanhar

Sarah Bernhardt.

Hei de fazer o mais que possa

Para dizer o que ela almoça:

Se um bom filé,

Vinho e café.

Hei de também dizer o que ela janta

E a hora em que se deita e se levanta.

E quando acaso um caldo tome,

Do caldo, até farei menção;

O que ela come e o que não come

Os meus leitores saberão.

Quem me vê, etc.

Os OUTROS — Quem o vê

Logo vê

Que

É reporter attaché!

1. 1887: vom

O REPÓRTER — Oh! parece um sonho! Está no Rio de Janeiro *Mademoiselle Sarah Bernhardt*.

MERCÚRIO — Perdão: *Madame*; é casada.

O REPÓRTER — Não, não, não! Como artista, é *Mademoiselle*. Como senhora, é *Madame Damala*.

MERCÚRIO — Pois agora é que deve ser *Madame Damala*, porque anda viajando.

O REPÓRTER — Ela aí vem! Ela aí vem! Ela e a companhia.

CENA II

OS MESMOS, SARAH, GARNIER, ATORES e ATRIZES

(*Vestuários de viagem. Sarah traz um cão preso a um cordão. Debaixo do braço, floretes, petrechos de pinturas e uma espingarda.*)

CORO — *Oupe! oupe!*
Oh! là là là!

Voici venir la troupe

De la

Diva!

De la grande Sarah!...

Oupe! oupe!

Oh! là là!

(*No fim do coro, Sarah espirra.*)

SARAH — *Atchim!...*

O REPÓRTER (*Tomando nota.*) — *Espirrou!...* (*Consultando o relógio.*) *Duas e cinco.*

SARAH — *Je suis enrhumée.*¹

O REPÓRTER — *Está constipada.* (*Toma nota.*)

CUPIDO — *Um suador.*

O REPÓRTER (*Aproximando-se de Sarah e cumprimentando-a.*) — *Mademoiselle...*

SARAH — *Monsieur!*

MERCÚRIO (*À parte.*) — *E ele a dar-lhe com mademoiselle!*

O REPÓRTER — *Ce chien est à vous?*²

SARAH — *Oui, monsieur.*

1. Tradução:

SARAH — Estou gripada.

2. REPÓRTER — Este cão é seu?

SARAH — Sim, senhor.

O REPÓRTER — *Comment s'appelle-t-il?*

SARAH — *Il s'appelle Turc. Nous ne nous quittons jamais... mais oh! au grand jamais!...*

O REPÓRTER (*Escrevendo.*) — *Turc... bonito... grande... felpudo... (Alto.) Qu'est ce que vous avez déjeuné aujourd'hui, s'il vous plaît?*

SARAH — *Pourquoi cette question?*

O REPÓRTER — *Je suis reporter attaché.*

SARAH — *Attaché?... à moi?*

O REPÓRTER — *Oui... attaché à vous, mademoiselle.*

SARAH — *Ah! j'ai pris deux oeufs à la coque... et une tasse de thé...*

O REPÓRTER (*Escrevendo.*) — *Dois ovos quentes... uma xícara de chá... (Sarah espirra.) Segundo espirro. — Vous ne prenez rien entre vos repas?*

SARAH — *Oh! vous m'ennuyez à la fin.* (*Entra no palácio com o cão.*)

O REPÓRTER — *Vou à redação levar estas notas... Dois espirros... dois ovos... uma xícara de chá... Há aqui matéria para um belo artigo. (Sai pelo fundo. A companhia vai também a entrar no palácio.)*

CUPIDO (*Apontando-lhe a cobana.*) — *Pardon... vous par là, mes chers amis. (Entram todos na cabana, menos Garnier.) Vous aussi. Monsieur Garnier!*

1. Traduções:

O REPÓRTER — Como se chama ele?

SARAH — Ele se chama Turco. Nós não nos separamos nunca... mas oh! nunca jamais!...

O REPÓRTER — ... Por favor, o que a senhora almoçou hoje?

SARAH — Por que essa pergunta?

O REPÓRTER — Eu sou seu repórter exclusivo.

SARAH — Exclusivo?... só meu?

O REPÓRTER — Sim... senhorita, seu exclusivamente.

SARAH — Ah! eu comi dois ovos quentes... e uma chávena de chá...

O REPÓRTER — ... A senhorita não comeu mais nada entre suas refeições?

SARAH — Oh! o senhor me aborrece demais.

.....
CUPIDO — Perdão... vocês por lá, meus caros amigos. [...]
O senhor também, Senhor Garnier!

GARNIER — *Oh! là là! Qu'est que c'est ça donc?*¹ (*Lendo.*) Cabaná dôs fiascôs.

CUPIDO — *Ça veut dire la chaumière des fours.*

GARNIER — *Mais moi!... Allons donc! Un pensionnaire de la Comédie Française!...*

CUPIDO — *Entrez, et plus vite qu'ça!*

GARNIER — *Entendons-nous: je mettrai une moustache!*

CUPIDO — *Entrez! entrez! (Garnier sai empurrado.)*

CENA III

CUPIDO, MERCÚRIO, a COMPANHIA DE DONA MARIA II, ricamente vestida, a COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL, quase andrajosa

Copla

A COMPANHIA DE DONA MARIA
— Sou a Companhia
De Dona Maria,

Que gerais aplausos pode conquistar!
Trago um repertório
Bem satisfatório!

Ótimos artistas venho apresentar!

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL (*Entrando.*) — Ora vamos de ver quem tem roupa na fonte! Eu sou a Companhia do Príncipe Real, e não receio medir-me com esta senhora!...

MERCÚRIO — Está bom, mas não briguem!...

A COMPANHIA DE DONA MARIA — Nem eu lhe dou essa confiança! Era o que faltava! Eu! a companhia normal! Olhem para nós ambas! Parece-me que há alguma diferença.

CUPIDO — E diferença dessas que se não desmancham!

A COMPANHIA DE DONA MARIA — Para que eu agrade mais que esta senhora, bastam as rosas que cultivo no meu jardim.

1. 1887: Qu'ce que ce que ça donc?

Traduções:

GARNIER — Oh! lá lá! O quê que é isto pois? [...]

CUPIDO — Isto significa a cabana dos fiascos.

GARNIER — Mas eu!... Vamos lá! Um pensionista da Comédia Francesa!...

CUPIDO — Entrem, e mais depressa que isto.

GARNIER — Entendamo-nos: eu porei um bigode!

CUPIDO — Entrem! entrem! [...]

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — E a mim basta-me esta margarida.

CUPIDO — E diferença dessas que se não desmancham!

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — Tenho um rico repertório. Trago a *Maria Antonieta*...

MERCÚRIO — Eu é que não a trago.

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — Trago o *Otelo*.

A COMPANHIA DE DONA MARIA — *Estrago*, quer ele dizer.

CUPIDO — Por onde andas, Shakespeare!...

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — *A Morte Civil*.

MERCÚRIO — Tudo isto já aqui foi visto.

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — Sim?

MERCÚRIO — A Ristori, o Rossi e o Salvini tiveram o des-coco de representar as mesmas peças no Rio de Janeiro.

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — É porque não adivinhavam que mais tarde os meus artistas as representariam também.

A COMPANHIA DE DONA MARIA — Nada disso vale o meu *Duque de Viseu*, que é prata de casa.

MERCÚRIO — É possível... mas vossências são muito amáveis... no entretanto, se desempedissessem o beco...

A COMPANHIA DE DONA MARIA — Retiro-me. (*Vai entrar na Cabana.*)

CUPIDO — Não! por aí não! Por aqui. (*Leva-a para o Palácio.*)

A COMPANHIA DO PRÍNCIPE REAL — No frigid dos ovos é que se vê a manteiga. (*Encaminha-se para o Palácio.*)

MERCÚRIO — Com sua licença... não erre a porta. (*Leva-a para a choupana. Entra o ator Valgão.*)

CENA IV

MERCÚRIO, CUPIDO, o ATOR VALGÃO

VALGÃO — Salve-se a arte nacional! E quem a pode salvar? O discípulo do defunto João; eu!... Isto de companhias estrangeiras é um castigo de Deus com estampas!

MERCÚRIO — Quê! o amiguinho está disposto a salvar a arte nacional?

VALGÃO — Dispostíssimo. Não aqui, mas em Juiz de Fora, para onde levo a meia porção da Rua da Ajuda!

CUPIDO — Vá contando: *O homem da máscara negra.*

[MERCÚRIO]¹ — Um.

VALGÃO — *Os dois proscritos.*

MERCÚRIO — Um e dois, três.

VALGÃO — *Os dois renegados.*

CUPIDO — Três e dois, cinco.

VALGÃO — *Os seis degraus do crime.*

MERCÚRIO — Cinco e seis onze, nove fora, dois.

VALGÃO — *E os sete infantes de Lara.*

CUPIDO — Dois e sete nove, nada.

VALGÃO — Tranqüiliza-te, pobre arte dramática, tranqüiliza-te, que hei de reerguer-te. Não fosse eu discípulo do defunto João!... (*Entra na cabana.*)

MERCÚRIO — Vai com escala.

CENA V

CUPIDO, MERCÚRIO, FRANK-BROWN

FRANK-BROWN — Oh! lá lá lá lá lá lá lá! (*Dá uma cambalhotá.*)

MERCÚRIO — Oh! ainda este palhaço! Há um século que os irmãos Carlo não nos servem outra coisa!

FRANK-BROWN — *Pancho, traeme los arcos!*

MERCÚRIO — Isto já você diz há cinco anos!

FRANK-BROWN — *Con mais política.*

MERCÚRIO — É sempre a mesma cantiga!

FRANK-BROWN — *A la francesa.*

MERCÚRIO — Ora! não nos aborreça!

FRANK-BROWN — Oh! lá lá lá lá lá lá lá. (*Vai a entrar no Palácio.*)

MERCÚRIO (*Puxando-o.*) — Mais devagar! A força de hábito, vai errando o caminho. Desta vez há de ter paciência: é entrar para aqui.

FRANK-BROWN — *Señor Carlo!*...

MERCÚRIO — Qual *Señor Carlo!* isto ensinará o *Señor Carlo* a trazer alguma novidade para o ano.

1. 1887: Cupido

CENA VI

CUPIDO, MERCÚRIO, GARNIER, depois SARAH, depois MADAME BONIFACE

GARNIER (*Vestido de Hipólito, saindo da cabana.*) — *J'ai été d'abord sifflé... mais me voilà applaudi... Je crois que je peux me furrer dans le Paláciô dôs Sucessôs.*¹ (*Vai a entrar no Palácio e encontrar Sarah que vem furiosa com um chicote em punho.*)

SARAH (*Vestida de Fedra e falando para dentro.*)

— *Mon Dieu! Je ne suis point de ces femmes hardies Qui, goutant dans le crime une tranquille paix, Ont su se faire un front qui ne rougit jamais! Je viens de fouetter une femme!*

GARNIER — *Et si vous voulez recommencer, je la tiendrai!* (*Entra no Palácio.*)

MERCÚRIO — Ora esta! chicotear uma mulher!...

CUPIDO — Oh!...

SARAH — *Et ce n'est pas fini.* (*Vai a entrar no Palácio.*)

MERCÚRIO — Perdão; como artista, o seu lugar é ali... e ninguém com mais direito a ele do que a madama... *mais comme femme, par ici, s'il vous plait.* (*Vai levá-la para a Cabana.*)

CUPIDO (*Protestando.*) — *Pardon; même comme femme, votre place est là bas.* (*Leva-a para o Palácio.*)

1. Traduções:

GARNIER — Primeiro fui vaiado... mas eis-me aplaudido... Creio que posso me meter no Palácio dos Sucessos. [...]

SARAH — Meu Deus! Eu não sou absolutamente dessas mulheres [atrevidas

Que, gozando no crime uma tranqüila paz, Têm sabido manter uma face que jamais se ruboriza! Eu acabo de chicotear uma mulher!

GARNIER — E se a senhora quiser recomençar, eu a segurarei!

.....

SARAH — E isso não terminou.

MERCÚRIO — ... porém, como mulher, por aqui, por favor. [...]

CUPIDO — ... Perdão, mesmo como mulher, seu lugar é lá. [...]

SARAH — ...*Juste ciel! qu'ai je fait aujourd'hui?*¹ (*Entra no Palácio. Entra Madame Boniface.*)

MADAME BONIFACE — *Messieurs, je suis le plus grand succès de la troupe d'opera comique.. Je suis Madame Boniface.*

MERCÚRIO — Oh! já ouvi falar desta opereta.

CUPIDO — Dizem que é na realidade encantadora.

MADAME BONIFACE — *En voulez-vous un échantillon?*

CUPIDO — *Mais volontiers.*

MERCÚRIO — Este Cupido como fala o francês!

CUPIDO — Pudera! se eu sou o amor...

MADAME BONIFACE — *Attention!* (*Canta um couplet de Madame Boniface.*)

MERCÚRIO — Muito bem, muito bem... As portas deste palácio abrem-se-lhe de par em par. (*Madame Boniface entra no Palácio.*)

CUPIDO — Sabe que mais, seu Mercúrio?

MERCÚRIO — Diga.

CUPIDO — Convém arranjar um compadre, que nos mostre o que nos falta ver.

MERCÚRIO — Quem há de ser esse compadre?

CUPIDO (*Pensando.*) — Ora espere... *A tout seigneur toute honneur...* O decano dos artistas do Brasil: o velho Areias.

MERCÚRIO — O Areias?

CUPIDO — Ninguém mais competente do que ele. Invoquemo-lo.

Canto

MERCÚRIO e CUPIDO — Ó Areias!

Ó Areias!

Ó Areias!

Vem nos trazer umas idéias! (*O Areias surge do alçapão.*)

1. Traduções:

SARAH — ... Meu Deus! o que é que eu fiz hoje?

MADAME BONIFACE — Senhores, eu sou o maior sucesso da Companhia de Ópera Cômica... Eu sou Madame Boniface.

MADAME BONIFACE — E os senhores querem uma amostra?

CUPIDO — Mas de bom grado.

MADAME BONIFACE — Atenção! [...]

CUPIDO — ... A todo senhor toda homenagem...

CENA VII

MERCÚRIO, CUPIDO, o AREIAS

O AREIAS — Homem, vocês fazem-me sair do alçapão, como se eu fosse um diabo de mágica?

CUPIDO — Desculpa, meu velho e bom artista, mas neste gênero todas as extravagâncias se permitem.

O AREIAS — Vamos lá! que desejam de mim?

MERCÚRIO — Que nos apresentes os sucessos e os fiascos teatrais do ano de 1886.

O AREIAS — Pronto!... (*Faz um sinal para dentro. Marcha na orquestra. Aparecem as peças abaixo indicadas, e acomodam-se ao fundo, depois de uma pequena manobra pela cena; a orquestra continua a executar a marcha, enquanto o Areias recita.*)

CENA VIII

CUPIDO, MERCÚRIO, o AREIAS, o DUQUE DE VISEU, TEODORA, DOIS PRÍNCIPES ZILÁS, a DONZELA TEODORA, a MÁRTIR, o BILONTRA, o HERÓI A FORÇA; ao fundo, indistintamente, as demais óperas, dramas e comédias representadas durante o ano

O AREIAS (*Apresentando.*)

— O Duque de Viseu, linda promessa,

Feita por um talento

Que a despontar começa

No literário luso firmamento.

(*O Duque de Viseu entra no Palácio dos Sucessos.*)

Teodora, que caiu, — queda solene! —

Por'mor da *mise-en-scène*...

Imagem Bizâncio — que fracasso! —

No Terreiro do Paço!

(*Teodora entra na Cabana dos Fiascos.*)

Dois Príncipes Zilás, cada qual deles

Mais insípido e reles.

(*Leva-os para a Cabana.*)

A Donzela Teodora... Bela estréia!

Não há na Corte idéia

De que outra houvesse assim tão... tão
notória!

Estude o Milanês, que é certa a glória!

(A Donzela Teodora entra no Palácio.)

A Mártir, novo drama tremebundo,
Que faz chorar a Deus e a todo o mundo...
E muita gente há'í que o tem de cor;
Mas ninguém assistiu à peça inteira
Sem levar sete lenços na algibeira:
Dois para o pranto e cinco para o suor.

(A Mártir entra no Palácio.)

O Bilontra, o magano!
Agradou a valer, e hoje piano
Não há que não destripe
Esse Ataca-Filipe,
A Marselhesa das revistas-de-ano.

(O Bilontra entra no Palácio. O Herói à Força começa a
marchar da Cabana para o Palácio e do Palácio para a Ca-
bana, sem se decidir.)

O Herói à Força... Hesita... Qual das portas
Há de transpor não sabe.
Estas coisas de teatro aqui vão tortas:
Não há peça ou peção que não desabe.

(O Herói à Força decide-se pela Cabana. Apontando para
o fundo.)

Os outros que ali estão
Escapam todos a quaisquer processos,
Pois, amigos, não são
Nem fiascos, nem sucessos.

CUPIDO — Ainda falta muita coisa... A Fedora... A
Corça do Bosque... A Befana... A Canção de Fortúnio...

MERCÚRIO (Com um passo de dança.) — O Brama...

CUPIDO — É verdade: o Brama!

O AREIAS — Mas que diabo! para isso fora preciso meter
cá dentro uma população... Contentem-se com estes... e
passem bem. Vou aprontar-me para o Carioca...

MERCÚRIO (Apontando para o Palácio.) — Vai para ali?

O AREIAS — Um... pelos modos, o caminho é aquele...
(Aponta para a Cabana.) Pelo menos, é esse o desejo de
muita gente... (Aos figurantes.) Quem quer vir ao Carioca?

TODOS — Eu! Eu!...

O AREIAS — Então marchem, que eu faço de baliza. (Os
figurantes marcham e saem com um motivo, na orquestra,
da marcha com que entraram. O Areias vai na frente, imitan-
do um baliza.)

CENA IX

MERCÚRIO, CUPIDO, o CAPADÓCIO

O CAPADÓCIO (Entrando, com a cabeça amarrada, um
emplastro num dos olhos, violão debaixo do braço.) — Ai!
ai! ai!

Os DOIS — Que foi?

O CAPADÓCIO — Maldita a hora em que me lembrei de
ir à inauguração das tais folias da Guarda-velha.

MERCÚRIO — Por quê? aconteceu-lhe alguma coisa?

O CAPADÓCIO — Se lhe parece! Apanhei com um banco
no alto da sinagoga... Veja!... e uma garrafa fechou-me a
janela esquerda! Felizmente escapou-me o violão, um traste
que nunca me larga.

CUPIDO — Mas que vêm a ser as tais folias?

O CAPADÓCIO — Sei lá! Dizem que é um café-concerto.
Coisa que lá não vi foi café nem concerto. Desconcerto, sim,
e cerveja marca *barbante* por cima do tempo! Houve um
chinfirim dos meus pecados... um sarilho grosso! E eu, que
tinha ido expressamente para ouvir as tais cançonetas fran-
cesas, que dizem que são mais bonitas que as nossas modi-
nhas! Entrei num *sanganguê* dos diabos. Quando me botaram
o banco no alto da sinagoga, descii rente na *poeira*; mas,
quando suspendi: Cabra, segura a testa!

CUPIDO — E ele?

O CAPADÓCIO — Ele saiu longe, *coruscando na alegria*
do tombo. Ora cançonetas francesas!

CUPIDO — Conheço algumas que deixam as brasileiras a
perder de vista.

O CAPADÓCIO — Tire por fora.

CUPIDO — Digo e redigo. Ouça lá esta... veja se em
todo o meu repertório há coisa que se lhe compare. (Canta
uma cançoneta francesa.)

O CAPADÓCIO — Agora eu! Não tenho medo da compara-
ção. Ouça, e diga depois se isto não vale mais do que o seu
trá-lá-lá. (Canta uma modinha brasileira, acompanhando-se
ao violão.) Isto é que é! Mas adeus! vou arranjar um cura-

talvez um dos irmãos Cogniard... ou o Clairville... ou o Siraudin... Talvez fosse o próprio Aristófanes, que também escreveu revistas... O Senhor Fonseca talvez não seja um comediógrafo, mas com certeza é um médio vidente de primeira ordem... Se não acharem muito espírito na sua revista, não de, pelo menos, achar-lhe muito espiritismo.

FONSECA — Mas afinal, o senhor ainda não me deu palavra sobre o que mais me interessa.

RAPOSO — Oh! É sua a mão de minha filha! E conto que me dê cada ano uma revista e um neto, embora pelo mesmo processo. (*A um gesto de Fonseca.*) Já se vê que me refiro à revista e não aos pequenos.

FONSECA — Ainda bem... mas... a apoteose?

RAPOSO — A apoteose? É muito simples... Evoquemos a tal Frivolina.

FONSECA — Parece-lhe que ela virá?

RAPOSO — Por que não há de vir? Evoquemo-lo por solfa, que é mais prudente.

Duetino

(*Serenata do Bocácio.*)

Ó divina
Frivolina,
Anda cá, não te faças de fina!

FONSECA — Vem depressa,
Pra que a peça
Satisfeito o povinho despeça.

RAPOSO — Vem cá já,
Frivolina, olá!
Vem cá já!

FONSECA — Vem já cá,
Frivolina, olá!
Vem já cá!

AMBOS — Vem cá já,
Frivolina, olá!
Vem já cá!
Frivolina, olé
Vem correndo, se estás de maré.

CENA II

OS MESMOS, FRIVOLINA

Terceto

(*Música de Abdon Milanês.*)

FRIVOLINA — Cá estou! cá estou!...
Eu Frivolina sou!
Ao teu socorro vim!
Que mais queres de mim?

FONSECA — Pra que eu despoze
A minha amada Felisberta,
Preciso de uma apoteose.

RAPOSO — Precisa de uma apoteose.

FRIVOLINA — Precisas de uma apoteose...
Qual há de ser?
Vamos a ver...
Da liberdade a estátua iluminando o mundo?

RAPOSO — Um semelhante assunto é por demais profundo

FONSECA — Um grande homem falecido?

RAPOSO — Isso está já muito batido.

FRIVOLINA — Ah!

OS DOIS — Que é?

FRIVOLINA — Tenho uma idéia!

OS DOIS — Há de ser coisa de mão cheia!

FRIVOLINA — Façamos uma apoteose
As revistas exibidas
E nesta Corte aplaudidas
De oitenta e três para cá:
O *Mandarim*, o *Bilontra*,
A *Cocota* e a *Mulher-Homem*
O lugar honroso tomem
Que a sua história lhes dá!
E em redor dessas revistas
Que pras mangas deram pano,
A teatrada deste ano
Um fadinho dançará!

OS DOIS — Apoiado!
Bem lembrado!

A coisa tola não é!
Que lembrança!
Venha a dança!
Sinto já pular-me o pé!
Os TRÊS — Apoiado! etc. (*Danças.*)
FRIVOLINA — Atenção!
Vou fazer a mutação.
(*Agita a varinha. A cena transforma-se.*)

Quadro 12

*Apoteose cômica às revistas-de-ano, indicadas por Frivolina.
Todos os personagens do ato cantam e dançam.*

CORO GERAL — Venha um fado
Bem quebrado!
Façam todos seu filé!
Que folgança!
Tudo dança!
Bate o peito e pula o pé.

[*(Cai o pano.)*]